PLACAR
EXTRA
EDITORA ABRIL
REVISTA
ESPORTIVA
SEMANAL DA
EDITORA ABRIL
N.º 390-A
14/OUTUBRO/1977
Cr$15,00
AGORA, O BI!
CORÍNTHIANS

CAMPEÃO!
GRITO DE ALMA LIVRE

CORÍNTIANS 1 X PONTE PRETA 0
Local: Morumbi; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 3 325 470,00; Público: 86 677 pagantes e 6 843 menores; Gol: Basílio 36 do 2.º; Cartão amarelo: Ângelo, Oscar, Basílio e Geraldo; Expulsões: Rui Rei 15 do 1.º; Oscar e Geraldo 40 do 2.º
Coríntians: *Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir, Vladimir, Ruço, Luciano, Basílio, Vaguinho, Geraldo e Romeu.*
Ponte Preta: *Carlos, Jair, Oscar, Polozzi, Ângelo, Vanderlei, Marco Aurélio, Dicá, Lúcio, Rui Rei e Tuta (Parraga).*

Vaguinho tinha acertado a trave, Vladimir tinha acertado Oscar. Basílio não perdoou. Aos 36 minutos do 2.º tempo, era o gol da vitória, o gol do campeonato, o gol que transformou todo o Morumbi. Basílio correu para os abraços, começava uma incrível festa nas arquibancadas. Uma festa que se estendeu por toda a cidade e que, duas pessoas, mais que ninguém, mereciam: Osvaldo Brandão, o velho e grande herói do título, e Vicente Mateus, o presidente apaixonado e indispensável. O time da vitória mostrou a calma dos grandes campeões.

Depois de 23 anos, o que são 81 minutos? O grito ficou contido na garganta dos corintianos. Como sempre a tensão — mas desta vez era diferente. Que times nervosos — ou tímidos, ou frios — terão sido os de outras frustradas decisões? Não esse time, não o Coríntians que entrou tranqüilo, previdente. Mas nunca frio. Um time sem Palhinha — que quis jogar mas não pôde. Um time disposto, por isso mesmo, a superar-se. Então, não podia ser frio. Vinha quente — quente lá de trás, de Moisés correndo até o meio do campo, fazendo a falta longe do perigo. De Vladimir perdendo a bola mas colando em Lúcio: não podia ser na bola? — pois então era corpo contra corpo, o menino parando o homem. De Zé Maria, talvez — como disseram tantos — errando na tática. Pois a Ponte não era um time torto, sem Odirlei e sem esquerda? Então, por que o Super-Zé haveria de correr para o meio, deixar a larga avenida aberta na lateral? Estava certo o Zé, na lógica da emoção corintiana. Ele buscava, com o fôlego, o músculo e a teimosia, o caminho mais curto para o gol. Essa mansa raiva começava na defesa. E contagiava o ataque. Havia Luciano em lugar de Palhinha. O lento, o frio, o enervante Luciano. Pois foi com ele que o grito da massa, pela primeira vez, por pouco não atravessou a garganta. Lá vai o Timão, subindo inteiro. Lá vai o povão, ensaiando o grito. E lá vai Luciano, com a massa, com o time, com o chute terrível. É bola na trave, é a Ponte sentindo o primeiro tremor, é Geraldão batendo forte.

Nesse lance, acabava um time, consolidava-se outro. Era o fim da incrivelmente bela, terrivelmente obstinada Ponte Preta. Era a confirmação do Coríntians garra, do Coríntians raça. Do Coríntians tranqüilidade. Que o povão perdoe, mas, nesse momento, era o time que dava lição à torcida. E a massa aprendia. Tudo pelo Coríntians, tudo contra a Ponte. Tudo — o amor contido, o nervosismo controlado, a raiva em suspenso. E não era? Era a Ponte pegar a bola, e, lá da arquibancada, vinha o zumbido irritante, a pressão implacável. Bola com o Timão — e as bandeiras se agitavam, o grito se ensaiava.
E tome bola rolando. Aos 8 minutos, o primeiro ataque, a sério, da Ponte. Mas aos 9 a resposta do Coríntians — um cruzamento de Geraldo e, rente à trave, o disparo de Basílio.
A Ponte era valente, mas não era de ferro. Tentava o ataque, não achava o caminho, não perturbava o Timão. E, aos 15 minutos, veio a prova de que essa seria uma estranha noite corintiana. Teimosa é a Ponte no ataque.

Oscar lança, vai Rui Rei, divide Ademir. Rui Rei cai, ao levantar-se está reclamando: Dulcídio marcara falta, ele carregara a bola com a mão. Então, o Morumbi, o Morumbi-gramado, vai tremer. Mas não é o Timão que está indócil, nervoso, descontrolado. A corrida do capitão Zé Maria, partindo da lateral, podia dar a impressão de descontrole. Mas não. O Super-Zé corria como um louco — com a loucura da tranqüilidade numa hora dramática da decisão. Ia pedir calma, enquanto Rui Rei explodia, provocava a expulsão. Daí por diante, a suposta lógica do jogo ia sumir, se inverter Não houve um Timão partindo louco para cima da Ponte inferiorizada. Houve o martelar constante, veio a espalmada de Carlos aos 39 do primeiro tempo. Houve falta sobre falta. Era outra lógica. Mas, ainda uma vez, lógica implacável. Aos 16 do segundo, todo o time corintiano no ataque. Não entrou. Aos 20, sete escanteios cedidos pela Ponte — e o Timão batendo. Aos 24, a exceção: falta para a Ponte. Aos 29, Carlos falha. Aos 36, Zé Maria cruza. Toque de Ângelo, Zé Maria cobra, Basílio desvia. Vaguinho, Vladimir, Oscar — a bola volta aos pés de Basílio. É gol, loucura, invasão. O Coríntians *sofrido* conquista sua *liberdade*.

GABINETE DO CARDEAL ARCEBISPO DE SÃO PAULO

Para a Revista PLACAR:

O Coríntians de hoje e de amanhã

- Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS -

Após a primeira vitória, nesta finalíssima, sobre a Ponte Preta, parecia acordarmos de um sonho. Era o mesmo Coríntians.

A promessa está tão perto! Já não é mais um passo. É só mais meio passo.

Coríntians, para nós, era o símbolo mesmo da esperança. E ainda o é. Agora, mais do que nunca.

Mas será que a esperança se vai com cada vitória, ou a vitória seria o desfecho normal de tanta esperança reunida? Seria agora o começo de uma nova era? Um elo a mais, para formar a grande corrente de novidades no Coríntians? Ou não seria mais ele?

Parecia que cada derrota confirmava mais a torcida fiel e todos aqueles que sentem pelo Coríntians o que se passa na alma do povo.

De fato, ao ver as bandeiras agitarem-se, cobrindo totalmente as arquibancadas, tínhamos a impressão de que o Coríntians jogava sozinho por todo o Brasil. Que só existia o alvi-negro no campo.

O Coríntians é mesmo o símbolo do povo que não chega lá. Do povo que sofre todas as decepções, desde as mais legítimas, como também as de seus sonhos. Mas é um povo que agüenta. Que é humilde. Povo que se abate, mas que ao mesmo tempo sabe que precisa recomeçar. E recomeça mesmo! Está presente em todas as próximas lutas. Recomeça.

O corintiano recomeça, como recomeçou por 67 anos, e sobretudo depois de 1954. Não há outro clube, no mundo, que fique mais forte com as derrotas como o Coríntians.

É isto o espelho do povo? Ou a sua realidade mesma? Ou ainda, alienação desta realidade, para refugiar-se em alguma coisa que se passa no campo, mas que tem interferências incalculadas?

Minha pergunta mais séria é esta: Quando é que o Coríntians vai vencer mesmo? Será no domingo? Será por uma vitória no estádio do Morumbi?

A impressão que tenho é de que o Coríntians irá vencer no dia em que todos os filhos do povinho, do nosso querido povo, tiverem campos de esportes para boas "peladas". Então, não precisarão mais falar dos outros craques, mas falarão entre si, na agilidade das pernas, na malícia dos passes e também na camaradagem, tão importante, para crianças.

O Coríntians terá vencido, quando vencer nos campos das escolas, que possibilitarão aos jovens saberem o necessário para a existência, podendo tomar a vida na mão.

Quando o povo souber o que fazer com seus talentos, grandes talentos, brotados como que das fontes, em terras regadas por chuvas.

Quando o Coríntians vencer nos campos da saúde e puder agüentar a vida desde os primeiros dias do nascimento, não morrendo mais noventa sobre mil crianças, no primeiro ano de existência.

O Coríntians vai vencer, quando os transportes forem mais humanos, e, a comunicação, real.

Tenho certeza de que a vitória do Coríntians deve levar a vitórias essenciais na vida. E vai levar a tanto. Acreditamos, sempre de novo, nesta era que está para chegar em favor do povo, com a participação do povo e criada pelo mesmo povo.

E o nosso Coríntians talvez seja o símbolo para tanto.

Até há pouco, foi ele uma esperança. Talvez, o espelho de uma realidade dura e impossível. Quem sabe, uma alienação.

Que agora comece a marcha da participação de um povo, onde todas as bandeiras do Coríntians se fundam numa só bandeira. Esta será a bandeira nacional, verdadeiro símbolo do povo. Símbolo de um povo que tem humildade e tem esperança. Mas também tem suas vitórias. Vitórias essenciais para a saúde, para a cultura, para o lazer, para o esporte, para a espiritualidade e para o conjunto, que se chamaria então, Povo Brasileiro unido para a Paz no Bem-comum.

São Paulo, 7 de outubro de 1977.

PASTORAL AO POVO CORINTIANO

O Cardeal acabava de assumir a Arquidiocese de São Paulo. E uma de suas primeiras revelações como Pastor do povo de Deus, foi confessar sua fé alvinegra, assim se identificando com os anseios dos fiéis torcedores. Não houve demagogia nisso: quando o repórter Carlos Maranhão, de Placar, procurou-o para uma entrevista, dom Paulo Evaristo Arns abriu o jogo, falou dos heróis de 54 e concordou, simpático, em responder a um questionário a respeito.

No dia da foto, Maranhão e o fotógrafo Lemyr Martins chegaram ao encontro do Cardeal devidamente municiados. Nas mãos, uma bandeira alvinegra, uma ampliação da foto do time campeão de 54, uma fita com a inscrição *Coríntians é povo.* Eram lembranças para dom Paulo que, ao recebê-los, manifestou muita alegria. E nem hesitou: ali mesmo, na sala de espera, empunhou a bandeira gloriosa do Coríntians, ensejando a foto que **Placar**, na semana seguinte, publicou na capa com a manchete: *Coríntians mais perto de Deus.*

No dia em que a Arquidiocese explode de alegria, é de justiça que a palavra de dom Paulo Evaristo Arns, especialmente dirigida ao povo corintiano, seja transmitida através de **Placar**. Às vésperas da histórica decisão, o Cardeal redigiu este depoimento exclusivo:

O Coríntians de hoje e de amanhã
Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS

Após a primeira vitória, nesta finalíssima sobre a Ponte Preta, parecia acordarmos de um sonho. Era o mesmo Coríntians.

A promessa está tão perto! Já não é mais um passo. É só mais meio passo.

Coríntians, para nós, era o símbolo mesmo da esperança. E ainda o é. Agora, mais do que nunca.

Mas será que a esperança se vai com cada vitória, ou a vitória seria o desfecho normal de tanta esperança reunida? Seria agora o começo de uma nova era? Um elo a mais, para formar a grande corrente de novidades no Coríntians? Ou não seria mais ele?

Parecia que cada derrota confirmava mais a torcida fiel e todos aqueles que sentem pelo Coríntians o que se passa na alma do povo.

De fato, ao ver as bandeiras agitarem-se, cobrindo totalmente as arquibancadas, tínhamos a impressão de que o Coríntians jogava sozinho por todo o Brasil. Que só existia o alvinegro no campo.

O Coríntians é mesmo o símbolo do povo que não chega lá. Do povo que sofre todas as decepções, desde as mais legítimas, como também as de seus sonhos. Mas é um povo que agüenta. Que é humilde. Povo que se abate, mas que ao mesmo

LEMYR MARTINS

tempo, sabe que precisa recomeçar. E recomeça mesmo! Está presente em todas as próximas lutas. Recomeça.

O corintiano recomeça, como recomeçou por 67 anos, e sobretudo depois de 1954. Não há outro clube, no mundo, que fique mais forte com as derrotas como o Coríntians.

É isto o espelho do povo? Ou a sua realidade mesma? Ou ainda, alienação desta realidade, para refugiar-se em alguma coisa que se passa no campo, mas que tem interferências incalculadas? Minha pergunta mais séria é esta: quando é que o Coríntians vai vencer mesmo? Será no domingo? Será por uma vitória no estádio do Morumbi?

A impressão que tenho é de que o Coríntians irá vencer no dia em que todos os filhos do povinho, do nosso querido povo, tiverem campos de esporte para boas "peladas". Então, não precisarão mais falar dos outros craques, mas falarão entre si, na agilidade das pernas, na malícia dos passes e também na camaradagem, tão importante para as crianças.

O Coríntians terá vencido, quando vencer nos campos das escolas, que possibilitarão aos jovens saberem o necessário para a existência, podendo tomar a vida na mão.

Quando o povo souber o que fazer com seus talentos, grandes talentos, brotados como que das fontes, em terras regadas por chuvas. Quando o Coríntians vencer nos campos da saúde e puder agüentar a vida desde os primeiros dias do nascimento, não morrendo mais noventa sobre mil crianças, no primeiro ano de existência.

O Coríntians vai vencer, quando os transportes forem mais humanos, e a comunicação, real.

Tenho certeza de que a vitória do Coríntians deve levar a vitórias essenciais na vida. E vai levar a tanto. Acreditamos, sempre de novo, que nesta era que está para chegar em favor do povo, com a participação do povo e criada pelo mesmo povo.

E o nosso Coríntians talvez seja o símbolo para tanto.

Até há pouco, foi ele uma esperança. Talvez, o espelho de uma realidade dura e impossível. Quem sabe, uma alienação.

Que agora comece a marcha da participação de um povo, onde todas as bandeiras do Coríntians se fundem numa só bandeira. Esta será a bandeira nacional, verdadeiro símbolo do povo. Símbolo de um povo que tem humildade e tem esperança. Mas também tem suas vitórias. Vitórias essenciais para a saúde, para a cultura, para o lazer, para o esporte, para a espiritualidade, e para o conjunto, que se chamaria, então, Povo Brasileiro unido para a Paz no Bem-comum.

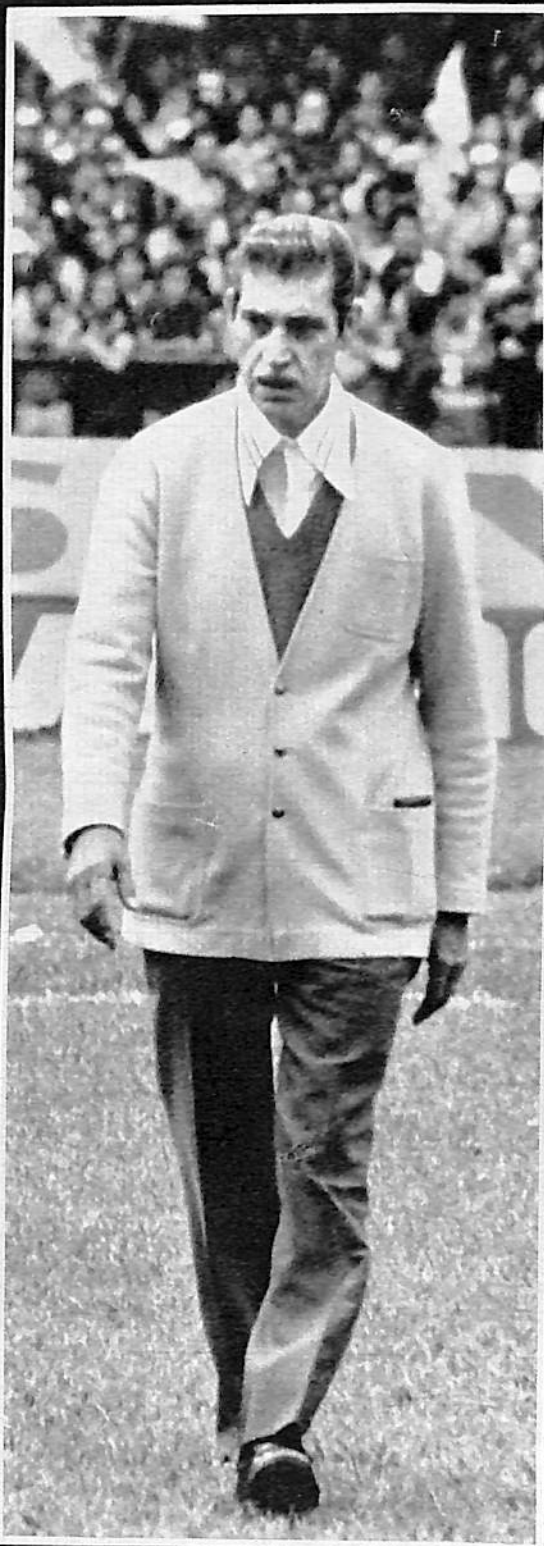
São Paulo, 7 *de outubro de 1977.*

O RETRATO DO VELHO

Por mais que se procure aguçar os sentidos diante deste homem de voz grave e gestos bruscos, maior é o pressentimento da presença de uma personalidade de traços indecifráveis. Pode surgir por momentos o frade singelo e contemplativo — humilde franciscano, hábito e sandálias corroídas por tantos anos de andanças, para logo em seguida explodir o gaúcho rústico e orgulhoso, armado de lança e boleadeiras, galopando pelas coxilhas em perseguição ao invasor que ousou pisar um pé além da fronteira.

Revejo a passagem de Brandão pelo futebol e concluo que ao longo da sua carreira de treinador raramente deixou rastros de indiferença. Simplesmente não lhe parece possível o meio-termo. Ou cria inimigos ou faz grandes amigos, cultivando com todos idêntica fidelidade, dedicando a todos a mesma atenção — se bem que, hoje, curvado sob o inevitável peso dos 60 anos, admita as tréguas e até mesmo assuma a iniciativa de promover a paz eterna com o mais áspero adversário. O que absolutamente não o transforma num hesitante ou alquebrado sexagenário, incapacitado para exercer o ofício que lhe tem garantido o direito de figurar nas linhas mais fascinantes da história do nosso futebol.

Não, tirando a curvatura da espinha dorsal, que lhe empurra o ombro à frente, e alguns fios de cabelos grisalhos a acompanhar a linha de um penteado que ignorou as transformações da moda, não existem outros sinais de velhice. Suas atitudes mais comedidas, o equilíbrio emocional que o impede agora de sacudir o repórter que se excedeu nas críticas ou de invadir a redação do jornal à cata do "tal de copy-desk" que falseou a pena, são simplesmente a marca da razão.

Tivesse Brandão perdido a energia e a bravura que vêm reforçando o seu carisma e lhe emprestando os contornos de figura lendária, haveria seguramente de virar as costas ao desafio que o Coríntians lhe pôs à frente no início deste ano, preferindo recolher-se a uma precoce aposentadoria, profundamente antagônica a um temperamento saudavelmente irrequieto e arrojado.

Aceitou sem vacilar, abrindo os botões da camisa e oferecendo o peito não a um, mas a vários desafios: assumir o Coríntians derrubador de técnicos, prestes a completar duas dúzias de anos sem o doce sabor de um título — e assumir, para si próprio, a dura missão de encontrar algo que lhe assegurasse a plena certeza de continuar ainda bem vivo, alguma coisa que afugentasse aquela angustiante sensação de impotência produzida pela repentina — e até hoje misteriosa — saída da Seleção Brasileira.

Entrou pelo Parque São Jorge sem falsear o pé, sem perder o ritmo seguro da passada, ocultando qualquer sinal revelador de emoção, olhando tão-somente num relance a estátua em homenagem aos campeões de 54. Ao pé do monumento, a placa com a solene inscrição dos nomes responsáveis pela distante e histórica conquista, podendo-se ler em destaque: "Técnico: sr. Osvaldo Brandão".

Nem aí ele parou.

Atirou-se ao Departamento de Futebol e se apresentou aos jogadores sem muita cerimônia, falando pouco e nada mais que o estritamente necessário para que aqueles assustados atletas sentissem estar se defrontando com uma autoridade — com um homem duro na queda, profundo conhecedor das manhas e das malandragens do futebol, dos segredos que diferenciam o líder do mero estrategista.

De vocabulário simples, falando a linguagem dos jogadores, foi

MANOEL MOTTA

Do desafio da Seleção a um desafio maior ainda — dar outra vez um título ao Coríntians —, Brandão não perdeu a naturalidade nem a compostura. Mais do que o técnico ou o estrategista, mostrou ser o líder que faltava ao Timão.

rapidamente entendido, ficando bem claro, desde ali, que o portador da nova ordem vigente assumiria a todo risco o cargo que lhe fora conferido, exigindo, em troca, um esforço à altura de tamanha empreitada. Pelo menos de fama, sabiam alguns que, além de um novo treinador, estavam conquistando um poderoso e arrojado aliado. Pelo menos de fama, sabiam todos que o rigoroso cavalheiro que lhes puseram à frente não permitia intromissões indesejáveis em seu trabalho, capaz até de atirar pela porta de um vestiário o dirigente mais poderoso, caso este, em perda momentânea de sentidos ou de compostura, se atrevesse a lhe pôr em xeque a patente e o comando. Capaz da mesma forma de, desafiado a escolher um lado, ficar com o time e espantar o cartola que ousou quebrar a palavra empenhada.

Mangas arregaçadas, Brandão entregou-se inteiro ao trabalho, sabendo de antemão que o primeiro obstáculo a ser superado seria a neurose dos 23 anos, fazer com que cada jogador entendesse que, afinal de contas, a culpa do longo jejum não lhes cabia, que o desespero pelas inevitáveis derrotas deveria ser trocado pela ânsia das futuras vitórias.

Não foi fácil e o próprio Brandão chegou a evidenciar alarmantes sinais de desânimo, sempre evitando, porém, que algum jogador o pilhasse em tal situação. Um desalento compreensível mesmo no Brandão de tantas lendas e histórias de valentia, pois seu início corintiano alcançou em determinados instantes os traços grosseiros das mais ridículas gravuras. Foi assim na desastrosa viagem ao Equador, onde nada mais restou ao técnico do que se trancar com seus jogadores no vestiário, logo em seguida ao segundo fracasso frente às fragilíssimas equipes locais, e desancá-los, um por um, com o menos sutil dos vocabulários. Abandonou o estádio cabisbaixo, cara amarrada, liderando em fila indiana o abatido elenco corintiano, mais parecendo um bando de colegiais ao final de uma severa reprimenda do indignado professor e a caminho do castigo. Naquela noite, ninguém se arriscou a um reconhecimento através da pitoresca cidade de Cuenca. Por medo ou vergonha, permaneceram no hotel.

Dia seguinte, já em Guaiaquil,

A descontração no banco corintiano. Enfim, o treinador tranqüilo na derrota. Ou na vitória.

Um rosto que sugere tudo: a simplicidade, a esperteza; a malícia ou a bondade; o paternalismo ou o rigor. Um Brandão 20 anos mais sábio, capaz de fazer do drama da Libertadores a partida para a arrancada do Campeonato Paulista.

surpreendo um Brandão bem-humorado e descontraído, entregue a uma suculenta lagosta e ao vinho mais adequado. Pergunta sorrindo se ouvi a bronca do vestiário; afirma em seguida que o jogador brasileiro está fugindo do jogo, tirando a perna da bola dividida — e estampa na fisionomia um ar confiante, como a querer dizer que, dali em diante, muita coisa iria se modificar.

Na volta ao Brasil, caiu o São Paulo como primeira vítima do time de Brandão, uma equipe que começava a oferecer no campo o mesmo sacrifício que sua torcida já vinha há muito despejando pelos cimentos das arquibancadas. Enfim, punham a perna no jogo, em cada bola, em cada lance — os ouvidos atentos aos gritos poderosos que o treinador proferia seguidamente do banco de reservas, os olhos fixos em cada adversário, como se estivessem frente a um exército invasor. Houve batalhas perdidas, perdas consideráveis, mas a cada fracasso surgia a voz de Brandão a levantar o moral da tropa, exigindo união e ânimo pela vitória na próxima. Sem sentir, os jogadores estavam não apenas abatendo os adversários no gramado, como acima de tudo afastando os fantasmas que os atormentavam do lado de fora.

E se o Coríntians não foi uma equipe de requintes técnicos, valeu pelo arrojo e pela valentia que, algo me diz, começaram a nascer numa bronca bem passada — no Equador.

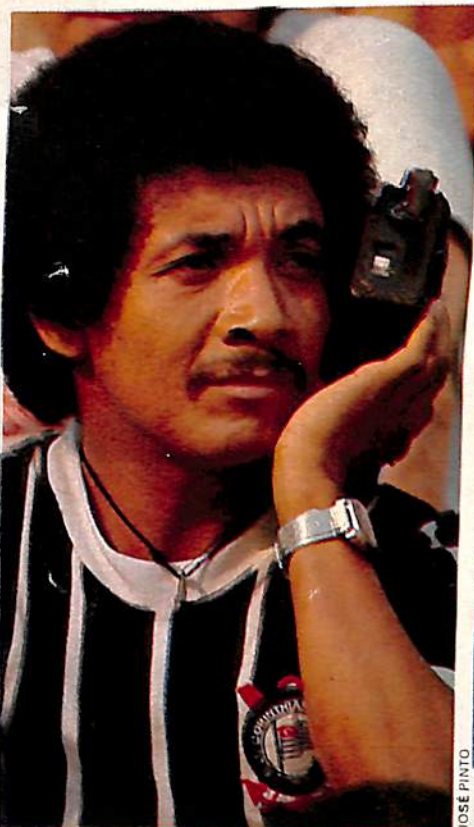
João Areosa

Grito, tensão, vaia: três momentos cruciais que se renovam a cada jogo, fazendo com que cada vitória tenha o sabor de um campeonato.

JOSÉ PINTO

JOSÉ PINTO

JOSÉ PINTO

MANOEL MOTTA

FUNDAMENTAL É TER CORAÇÃO

A fidelidade não foi inventada para humilhar ninguém: ainda que nestes sofridos 23 anos o time tenha cometido muitas traições, o torcedor corintiano sempre soube perdoar. E soube dar um raro testemunho de amor à causa.

Dizem que o torcedor corintiano é agressivo, fanatizado, selvagem, irracional, violento. Dizem mais: que ele vive apenas para sofrer e apanhar da vida.

Verdade ou não, o corintiano de fé não se importa com o que digam a seu respeito. Pois, acima de tudo e a separá-lo do comum dos torcedores, está uma cativa paixão que só lhe dá alegria.

Explica-se: vitória e derrota jamais se colocam em campos opostos, incompatíveis. Essa é uma lição que a vida ensina, e que a trajetória do time reflete com dramática precisão. Perder faz parte do jogo, tempera o espírito, obriga à reflexão. É assim que o corintiano leva, para dentro dos estádios, toda a sensibilidade dos seus poros, sufocados na violência do dia-a-dia — o trabalho duro, a condução difícil, a briga com a mulher, a intolerância do patrão.

O time entra em campo, e basta isso para realizá-lo. Nada de triunfalismos, pois o corintiano de fé aprendeu que, para subir, é preciso descer.Por isso, ele tanto se entrega à euforia mais deslavada — por mesquinhos dois pontos de campeonato, quanto mergulha na mais cava depressão — por qualquer ordinário fracasso. É uma paixão, enfim, que a razão nunca haverá de entender, ou explicar — e o que é a razão, senão um civilizado disfarce para ocultar verdades íntimas?

Quanto mais o ironizam, mais o corintiano se abre, sem medo das pequenas coisas ridículas, como diria o poeta.

Importante, para o corintiano, é participar. Sendo a causa justa, todo sacrifício é pouco, e a massa sempre chega junto, onde quer que o time jogue. Amargando 23 anos de rigoroso jejum, ela firmou uma verdade histórica: não há presença mais vital, para a equipe, do que esse jogador chamado torcida. Que veste a camisa e vai lá, tentar ganhar a partida no grito.

No grito. Foi assim que o Coríntians conquistou o campeonato, a empolgação de sua torcida eletrizando os atletas, ambos — torcida e atletas — dando uma lição para o resto do mundo: futebol ainda se ganha na raça, no amor à camisa. E tome gente invadindo o campo para melar um jogo perdido ou comemorar um gol decisivo. E tome Palhinha caindo e se levantando, caindo e se levantando, até conseguir marcar um gol — de cara. E tome a galera arremessando laranjas no gandula, que insiste em devolver a bola rápido para o inimigo. E tome Batatinha tentando o suicídio pela terceira vez, porque o Coríntians perdeu e ele não suportou a dor.

Será que o corintiano de fé foi sempre assim, desprendido e generoso?

Os antigos, como Elisa, dizem que sim, que ser corintiano é um dom quase divino, a iluminar os que nasceram predestinados. Miúda, corpo curvado, peruca mal escondendo seus cabelos brancos, Elisa é uma mulher sofrida, judiada. Mas seus olhos negros continuam com o mesmo brilho místico de muitos anos atrás. Igual, esse brilho, ao dos olhos de Cláudio Ribeiro, aquele que o Brasil inteiro contemplou, via satélite, fincando uma bandeira alvinegra no campo do Santa Cruz, semifinais do Campeonato Brasileiro, ano passado. Cláudio ainda não vira seu time campeão, o que é mais que mera curiosidade: é uma evidência de que o corintiano de fé não torce na base neurótica do vencer ou vencer.

Como Cláudio Ribeiro, havia uma multidão de jovens, engrossada a cada dia, absolutamente vidrada pelo time. Sem que houvesse necessidade de títulos ou

de carismas para provocar a conversão. É uma questão de escolha, pois o corintiano não é um vencedor na vida. Ele é, mais que isso, humanizado na paixão, que o faz sofrer, xingar, chorar, vibrar, viver e morrer. É um incansável apóstolo da causa, convencendo a indecisos, indiferentes ou mal-amados torcedores adversários, sobre as virtudes de se gritar *Curíntia! Curíntia!* — com a inflexão que a massa coloca na pronúncia.

Houve, neste longo aprendizado pelo sofrimento, quem atribuísse a ele, torcedor, todos os pecados do time. Rivelino foi um que exigiu uma atitude paciente e passiva da multidão, em tempos em que nada dava certo, e com argumentos que sempre ocorrem quando não se tem razão. Rivelino exigiu, e foi atendido. A torcida, atenciosa, deixou de pressionar os jogadores, mesmo quando o gol não saía no primeiro tempo, mesmo quando eles não suavam devidamente a camisa.

De nada valeu esse deliberado exercício de omissão, pois errado estava o time. Mas ela, a torcida, continuou firme na arquibancada, no silêncio ou no grito, até explodir no ano passado. Eis que, perplexa, toda a nação assistiu a um incrível movimento de massas, sem condutores aparentes, a empreender marchas decisivas sobre o Maracanã, sobre o Beira-Rio. De muito valeu, afinal, esse apoio, pois até Palhinha, entre outros motivos, aceitou vir jogar no Coríntians "por causa de sua maravilhosa torcida".

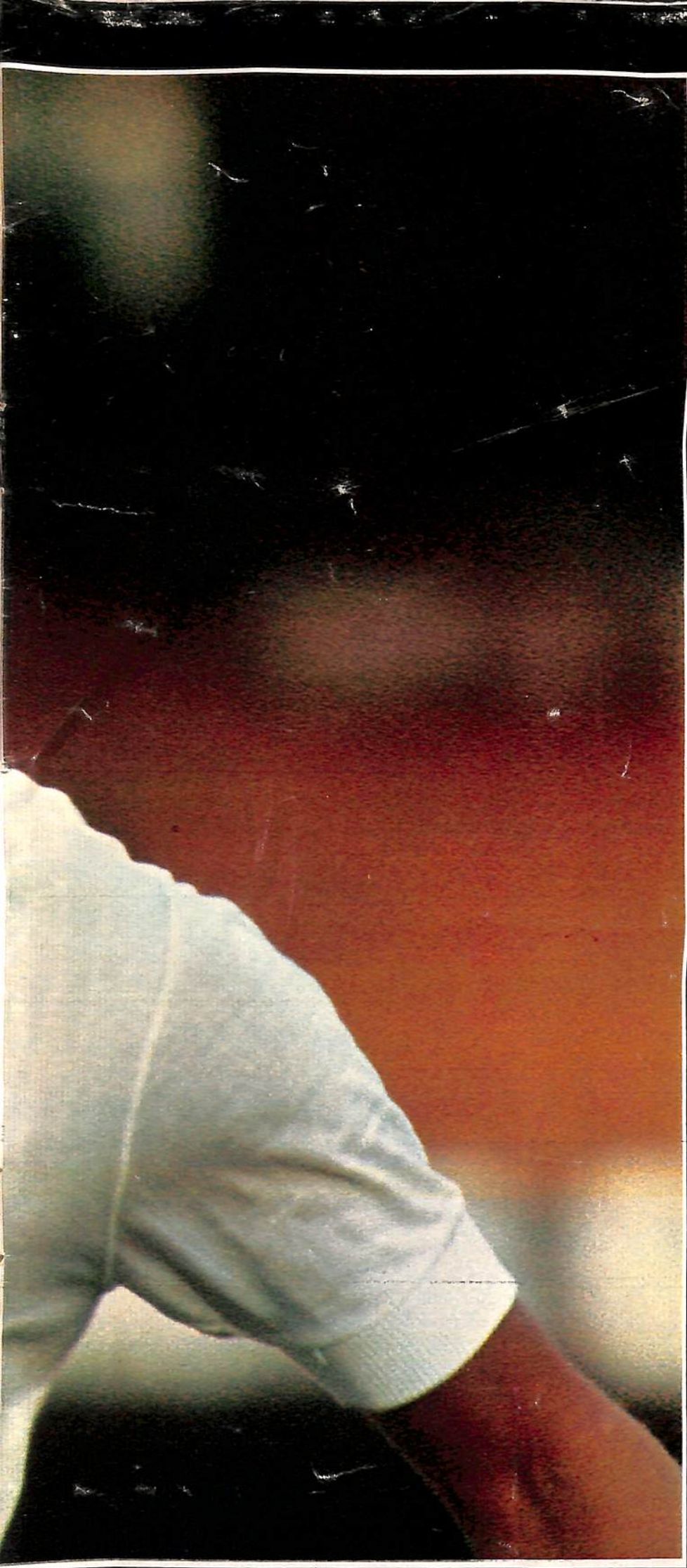
Herói hoje, vilão no próximo jogo — esse é o risco que enfrenta cada ídolo, no momento mesmo em que enverga a camisa preta e branca. Uma responsabilidade a mais, claro, mas conveniente nestes tempos de mercantilismo, onde se entra em campo com um olho na torcida e outro no bicho. Não é sem propósito que, por um simples processo de transferência, o torcedor de fé designa os seus eleitos, aqueles que dão provas de defender a causa com sinceridade, dentro ou fora de campo. É assim que se consagram, ao longo dos anos, Zé Maria hoje, Ditão em 70, Oreco em 60, Idário e Luisinho em 54 — todos dedicados cruzados alvinegros. Para o corintiano de fé, técnica e habilidade é o que menos conta. Fundamental é ter coração.

Milhares de bandeiras se agitam contra o vento do Morumbi, numa festa em que o torcedor é dono e personagem principal. Ali, no meio do povo, o torcedor vira gente, cidadão de primeira classe, deixando o anonimato da vida para ser alguém, entre seus iguais. Justifica-se, dessa maneira, o surgimento das torcidas organizadas, que democraticamente reivindicam, apóiam, brigam.

A cidade grande destruiu as transações de amizade, o papo no botequim da esquina? Pois o Coríntians está aí, como mágica solução a promover o reencontro das pessoas, em torno de seus sonhos e expectativas. E as supertorcidas vão surgindo — Gaviões da Fiel, Camisa 12, Coração Corintiano, Unidos da Barra Funda, Toco, Curvinha, Patota da Fiel, Fiel de Osasco — dezenas de denominações a fazer frente ampla em torno do time. E que divididas estão pelo sagrado direito de se representar como bem entenderem.

Corintiano de fé é tudo isso, e muito mais. Não há como explicar, pelos lineares traços da lógica, os mistérios dessa mística. O que vale é saber, no jogo da vida, que torcer é dar passagem às emoções, é trazer o coração para fora, emotivo e pulsante. Pois, apesar de tudo o que possam dizer, essa paixão só lhe dá alegria.

Celso Kinjô

FOTO JOSÉ PINTO

Zé Maria
O HOMEM QUE VESTIU A CAMISA 2 NA ESPERANÇA DO POVÃO

Sabia defender, aprendeu a subir. Era tímido, hoje é o capitão do time. Sempre foi corajoso, agora é tranqüilo. Zé Maria passou a ser tudo o que faltava ao Coríntians.

Zé Maria. O grande. O super. O robô. A alma. O touro. O diamante. O Zé. Começou na Ferroviária de Botucatu, jogou na Portuguesa e chegou ao Coríntians em 1971. Mas nasceu Coríntians, e ninguém é capaz de duvidar.

Em seus seis anos de Coríntians já viveu todos os dramas, alegrias, sofrimentos e esperanças que marcaram a vida do clube. E encarnou-os a ponto de se transformar em símbolo da garra e paixão corintiana.

Sua contratação junto à Portuguesa aconteceu entre tumultos, impasses, recursos à justiça, relações rompidas. Foi o batismo do Zé corintiano. Esteve com a Seleção no México, na Alemanha, nas eliminatórias para a Copa 78. Esteve na decisão do Campeonato Paulista em 74 — bailou e não tremeu —, na decisão do Campeonato Brasileiro em 76 e explodiu. Passou incólume pela frustração da Libertadores, viu os técnicos se sucederem, subiu e desceu com o time em fases, assistiu às disputas políticas, viu os técnicos se sucederem, os jogadores irem embora, outros chegarem. E ficou, cada vez mais sangue, músculos, suor, garra e coragem. Cada vez mais Coríntians.

Transformou-se. O Zé defendia com perfeição mas não sabia atacar. Hoje ele sobe com a mesma perfeição, empurrando os companheiros, empolgando a massa, invadindo a área, marcando gols com coragem até mesmo para perdê-los. Zé Maria era tímido. Hoje ele é o capitão do time e não se fala mais nada. O Zé era a força bruta, hoje é a força aplicada com habilidade, velocidade, iniciativa, criação. Um jogador, enfim completo, que se completa a si e ao time suando a camisa, indo e vindo, acompanhando o ponta adversário por todos os cantos, qual anjo da guarda que absolutamente não quer o bem do homem marcado, cobrindo o zagueiro, salvando a pátria, tirando a agonia do povão que entra em campo dentro de sua camisa número 2. Nenhum fora de série. Apenas ótimo, como ele mesmo diz.

Na longa caminhada para o título, participou apenas de 27 jogos. Enquanto esteve na Seleção — que o Zé, madeira de lei dura de se quebrar, não é de ficar de fora por contusõezinhas — a equipe sentiu muito sua falta. Quando voltou, fez sua presença ainda mais valorizada. Garantida a classificação da Seleção para a Copa, chegou esbanjando confiança, entusiasmo e a saúde que nunca lhe faltou. Mesmo nos piores momentos, quando até a última que morre parecia agonizante, Zé Maria surgia como o símbolo da fé.

É o Zé. José Maria Rodrigues Alves, filho de seu Durvalino, nascido em Botucatu em 18 de maio de 1949, 1,75 m de altura, 80 kg, 60 batidas por minuto, 3 000 m no Cooper. É o Super Zé Coríntians Campeão Paulista de 77.

Tobias

A FIEL APRENDEU A CONFIAR NO PULO DO GATÃO

Até os 14 anos, de idade, em Piracicaba, jogando basquete e pintando como um ala de excelentes recursos, muito rápido e com muita impulsão, ele era apenas o Brucutu. Um garoto desligado, quase displicente, às vezes apático, sem a garra que o basquete exige.

Pouco tempo depois, entre os engradados de cerveja, numa fábrica de Agudos, e os treinos no Noroeste de Bauru, descoberto e incentivado pelo técnico Cilinho, ele já era o Gato, ou Gatão, apelido que até hoje o identifica bem. Começou muito cedo, aos 17 anos já era titular do time, e não demorou ser negociado — por 100 mil cruzeiros — com o Guarani de Campinas, onde foi titular durante cinco anos. Andou pelo Recife, no Sport, e hoje, guardando a mesma tranqüilidade dos tempos de Brucutu e a mesma agilidade dos tempos de Noroeste, sempre elástico, sempre felino, tem que ser apontado como uma das peças mais importantes nessa grande conquista. Jogou 32 vezes neste Campeonato Paulista. Com ele, o título veio bem mais fácil.

Nunca vestiu a camisa da Seleção Brasileira — embora já tenha figurado na relação dos 40 que estavam sendo olhados —, nunca se preocupou com isso, mas já foi carregado e adorado pela multidão corintiana que invadiu o Rio de Janeiro na noite em que ele, defendendo muitos pênaltis, levou o time para a final do Campeonato Brasiliro de 1976, contra o Internacional de Porto Alegre.

Este é José Benedito Tobias, 27 anos, 1,84 m de altura, 84 kg, o Gato.

MANOEL MOTTA

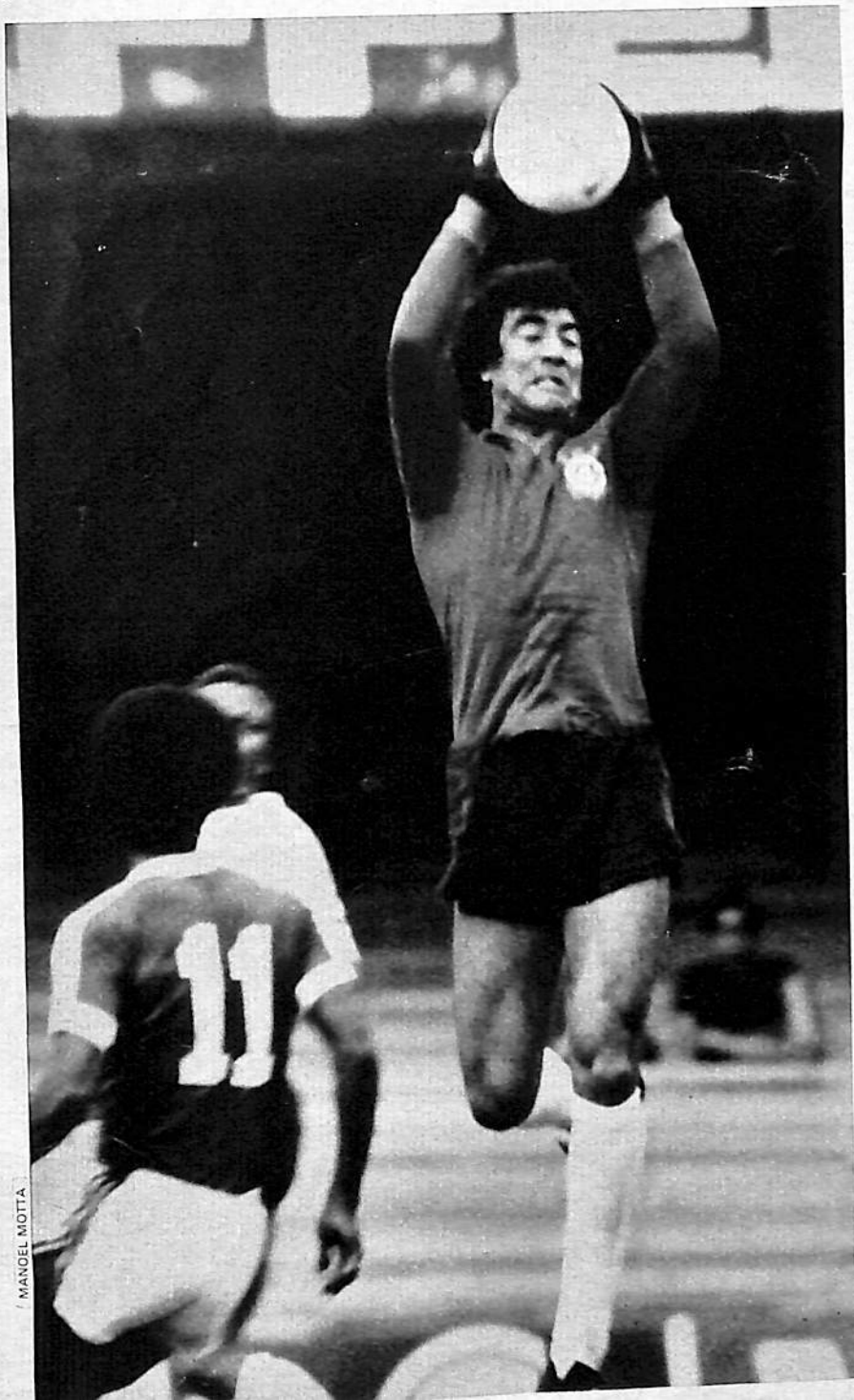
JOSÉ PINTO

Jairo

RAZÃO PARA NÃO TREMER: UM GIGANTE NO GOL

Quando Tobias, já no finzinho do segundo tempo do primeiro jogo da série decisiva, revidou uma entrada menos leal do centroavante Rui Rei, recebendo o terceiro cartão amarelo e ficando fora do jogo seguinte, o decisivo, só os incautos, os menos avisados, tremeram e temeram pela sorte do campeão. Para Osvaldo Brandão e para seus companheiros de Comissão Técnica, era apenas uma questão de nome: saía Tobias, entrava Jairo. Sem mais problemas.

Na tarde do dia seguinte, quando o time voltou para seguir nos treinamentos normais, Brandão tomou apenas uma providência. Orientou o auxiliar João Avelino para que mandasse Tobias treinar Jairo.
Não era preciso outras providências, muito papo, muitos conselhos. Jairo estava em forma, como sempre fez questão de estar, e se mantinha o mesmo homem tranqüilo, certo do seu valor e das suas possibilidades. Valor e possibilidades que o tinham levado a titular do Coritiba durante muitos anos, à Seleção Brasileira dirigida por Osvaldo Brandão e ao Corintians, para ajudá-lo a conquistar o mais suado e o mais gostoso de todos os títulos possíveis de serem conquistados.

Jairo do Nascimento, catarinense de 30 anos, 1,90 m de altura, 79 kg, goleiro por necessidade, porque nunca conseguiu ser dono da bola nem dominá-la nas peladas de Joinville, chegou este ano para o Corintians, jogou 16 vezes, foi sempre uma tranqüilidade e sabe que todos podem dizer sem errar: sai Tobias, entra Jairo e não passa nada.

Edu

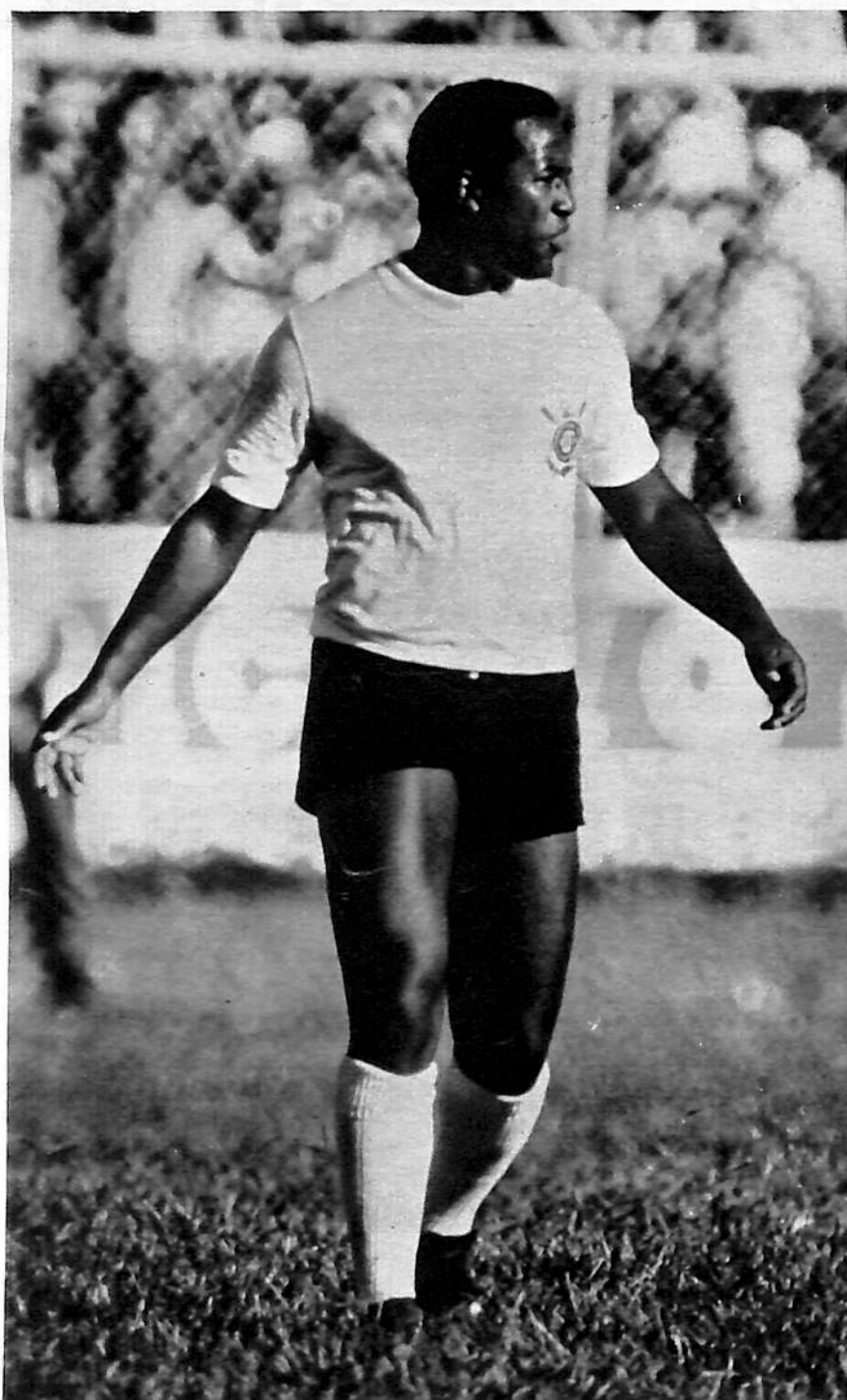
TOQUE DE GÊNIO NA HISTÓRIA DA CONQUISTA

Quando chegou ao Parque São Jorge, em janeiro deste ano, cheio de esperanças e visivelmente emocionado pela oportunidade de vestir a camisa dos seus sonhos de menino, a mesma que um dia ganhou de Zé Maria, agora seu companheiro de time, guardando-a com todo carinho, Jonas Eduardo Américo, ou apenas Edu, não deixou por *menos*:

— Vim para ganhar títulos, e vou ganhá-los. Estou acostumado a ser campeão.

Prometeu, e cumpriu. Talvez não tenha sido o mais brilhante, o mais eficiente, o mais destacado dos heróis que eternamente viverão nos corações corintianos, gravados no monumento a ser erguido num dos jardins do Parque São Jorge. Mas foi, e isso ninguém tem dúvidas, uma das peças importantes com que Brandão pôde contar para levar adiante seu plano de trabalho. Jogou 29 vezes, sempre se saiu mais ou menos bem, e *mesmo* quando esteve de fora, *no banco*, foi útil ao time. *Brandão acha* que Romeu, *embora grande jogador, precisa* ter sempre uma sombra a empurrá-lo, dando-lhe calor e colocando em risco sua condição de titular. Edu foi a sombra que ele soube usar.

Tricampeão do mundo pela Seleção Brasileira, campeão brasileiro pelo Santos, quatro vezes campeão paulista ao lado de Pelé, Edu já pode contar para seus amigos e, no futuro, para seus filhos e netos, a história de um título que, na certa, lhe calou muito mais fundo do que todos aqueles. O título de campeão paulista de 1977 pelo Corintians, seu time de coração. Sua paixão de menino.

MANUEL MOTTA

RONALDO KOTSCHO

Cláudio Mineiro

NA DIREITA E NA ESQUERDA, RESERVA DE OURO

— Entra lá e cumpra a sua parte.

Não foi por uma, duas, três vezes. Em 31 jogos, o velho Brandão recorreu ao garoto e repetiu, confiante, a mesma instrução:

— Entra lá e cumpra a sua parte.

Brandão, mais que ninguém, sabia (e sabe) que um título de campeão começa a se ganhar no banco. Em outras palavras: o título sempre fica mais perto daquele que pode se dar ao luxo de trocar alguns jogadores sem que o eventual reserva, aquele que vai entrar, sinta o peso da camisa e não consiga dar conta do recado.

Daí a certeza de Brandão. Zé Maria está na Seleção? Entra o garoto. Vladimir está contundido, anda abatido, em má fase? Entra o garoto. É preciso improvisar alguma coisa na zaga, no meio-campo? Entra o garoto. Romeu está suspenso, Edu foi embora, há problemas para o primeiro jogo decisivo? O garoto está aí mesmo.

E estava. Mesmo. Para a tranqüilidade de Brandão, para a tranqüilidade de toda a torcida. Um já confiava. A outra aprendeu a confiar. E aplaudir o futebol de garra, coração e entusiasmo de Cláudio Mineiro.

Um craque? Não. Um jogador útil, obediente, sério, um novo Idário. Um corintiano. Pintou no América Mineiro, em 1971, incentivado por Biju. Passou para o Atlético, esteve no Sport de Recife. No início do ano, trazido por Duque, chegou ao Parque. Chegou, viu, soube esperar uma oportunidade. E nesse 1977, ano da graça, mais que ninguém. pode desabafar.

— Eu cumpri a minha parte.

Romeu

UM ANO Ā ESPERA DA CAMBALHOTA FINAL

Julho de 1971, Pacaembu lotado. O Coríntians enfrentava o Atlético Mineiro. Amistosamente. Promovia a estréia de Vaguinho, a sensação da ponta-direita.

Do outro lado, um jogador franzino, arisco, de dribles insinuantes, vestia pela primeira vez a camisa do Galo. Romeu. Naquele jogo, nem de longe, ele poderia supor que, um dia, estaria no Coríntians. Campeão.

Aconteceu. Cinco anos depois. Como ele previu no primeiro dia, no primeiro treino, no primeiro contato com a torcida. Sentado nas arquibancadas do Parque São Jorge, ao lado do pai, ele simplesmente garantiu:

— Vou conquistar primeiro a massa, depois o título.

E conquistou. Quem não se lembra? Ainda no ano passado. Bola na área da mesma Ponte, a bicicleta fantástica, a corrida para o povo, a cambalhota esfuziante. Os aplausos e a confiança de toda a massa.

A partir daí — abril de 1976 — ele, com menos de dois meses de Coríntians, se transformava no mais novo ídolo da fiel torcida. Mais que isso: um ponta que, com a mesma facilidade com que chegava à linha de fundo e cruzava certo, voltava para armar, voltava para combater, subia para marcar.

Com o mesmo futebol eficiente. Individualista? Não. Simplesmente alegre. Como o próprio jogador que, no primeiro contato com o presidente Vicente Mateus, despertou-lhe uma única reação, uma ligeira desconfiança:

— Se ele jogar tão bem como fala, será um grande reforço.

Excelente. Que o diga Osvaldo Brandão. Por 39 partidas, ele pode contar com o futebol de Romeu Evangelista, 27 anos, desconcertante até na conversa:

— O meu dia? Não. Eu diria que todo dia é dia de Romeu.

O da bicicleta, o da cambalhota, como a torcida gosta. Pela esquerda, pelo meio, dentro ou fora da área. Marcando ou fazendo marcar. Um futebol que, de Pelé, mereceu um único conselho: "Te cuida, que isso dura só até os 35". Só que a alegria do campeão, hoje, não tem limites.

Vladimir

UM GAROTO QUE CRESCEU JUNTO COM O CORÍNTIANS

— O sorriso desse negrinho, o branco dos dentes contrastando com o negro da pele, parece o próprio Coríntians.

A torcedora — esperando por seus ídolos na porta do vestiário — talvez até mesmo sem querer definia bem o garoto-ídolo chamado Vladimir.

Corpo fino, olhar tímido, esse menino de 23 anos — nascido em 1954 — vira fera quando entra em campo. Cresce, encorpa, e nem parece que pesa apenas 60 kg distribuídos em seu 1,69 m de altura.

Quem o vê das arquibancadas sente que sua garra, sua força, não está apenas no alto sentido profissional com que encara uma partida de futebol. Quem o vê lá de cima, percebe que aquela camisa branca e preta não está no corpo de um simples profissional. Sente que, mais que tudo, ali está um corintianinho que é, na verdade, um corintiano igual a tantos outros que choram e vibram no cimento frio dos campos de futebol.

Sempre jogou no Timão. Só vestiu outra camisa quando foi para pôr a das seleções paulista e brasileira. Começou em 69, no time dos dentes-de-leite. Em 70 já estava no juvenil onde foi bicampeão paulista em 71 e 72. Em 73, estreou no time principal num jogo em que o Timão venceu ao São Bento pela contagem de 3 a 1.

De lá para cá entrou no coração da galera. Um pouco, talvez, pelo paternalismo do torcedor que tende a vê-lo como um filho desprotegido. Bastante pelo futebol que sempre jogou, pela insistência em tirar a bola do ponta adversário, e até pelo gol que fez aos 45 minutos do segundo tempo, contra o Juventus, numa apertada vitória ditada por sua garra.

Neste campeonato, jogou 31 vezes.

E virou adulto. Ele que gostava da liberdade, que é fã de Mílton Nascimento, agora exerce essa liberdade, vai na bola e sabe por quê, sua a camisa e sabe para quê, decidindo enfim se deve ir para o ataque ou se deve recuar para ajudar a defesa, se é para seguir jogando ou mandar para lateral. Sem dar tanto carinho, sem roubar tanto a bola, jogando futebol e, felizmente, rindo bonito — apesar de adulto.

FOTOS JOSÉ PINTO

FOTOS JOSÉ PINTO

Luciano

DEVAGAR, ELE FOI ACALMANDO TODA A GALERA

Quando Luciano foi contratado pelo Coríntians no fim do ano passado, não deixou por menos. Como todos que chegaram nos últimos anos, prometeu o título. Era um pressentimento, no qual aprendera a acreditar com a experiência. O Santa Cruz havia dez anos não ganhava o título pernambucano. Assim que Luciano foi promovido, o Santa foi penta. Saiu do Santa e foi para o Sport, onde quebrou um jejum de 13 anos. Quando chegou ao Coríntians ele acreditou em sua mística, prometeu e cumpriu. Depois de 41 partidas com Luciano em campo, o Coríntians foi campeão.

Luciano Jorge Veloso nasceu em Pesqueira, Pernambuco, há 28 anos. Seu primeiro contato com a bola foi no União-Peixe, clube amador de Pesqueira. Depois, uma breve passagem pelo CRB, o pentacampeonato pelo Santa Cruz, dois campeonatos pelo Sport Recife e o Coríntians.

A sina de campeão não combina muito bem com a imagem aparente de Luciano. Um jogador frio e sem emoções, que não vibra nem mesmo depois de um gol de placa. E Luciano sabe de gol. Em 1973, atuando pelo Santa Cruz, foi o artilheiro brasileiro em campeonatos regionais, marcando 25 gols. Mas seu estilo é assim mesmo. Frio. A própria maneira de jogar é cadenciada, quase lenta, servindo até mesmo como um moderador para os excessos da torcida. A explosão só acontece com o chute violento e bem colocado. Em seu início de Coríntians enfrentou algumas dificuldades de adaptação, mas não desanimou. Calmo, fez-se entender pela torcida e acabou campeão.

Basílio

O CORÍNTIANS ENCONTRA O SEU POLIVALENTE

Antes do primeiro jogo decisivo, quando todo mundo se agitava tentando descobrir quem substituiria o ponta direita Vaguinho, titular absoluto, e como o time poderia se armar para anular as investidas de Odirlei — o lateral que nas outras três oportunidades tinha avacalhado todo o sistema de defesa do Coríntians —, Osvaldo Brandão, macaco velho, escondendo a escalação e enrolando nas explicações, mostrava-se sereno e sorria maroto. A solução ideal, melhor até do que a encomenda, estava na cabeça e ia surpreender o time de Zé Duarte, deixando-o sem ação, sem saber o que fazer. Brandão precisava de um homem versátil, obediente, com plena visão de jogo e de campo, capaz de se tornar num dos três jogadores mais importantes da partida, mesmo sem aparecer para o grosso da torcida. E capaz de arrancar expressões de entusiasmo por parte de Cláudio Coutinho:

— Esse Basílio me encheu os olhos.

Coutinho não chegou a classificá-lo como um polivalente, mas, na certa, por pura falta de oportunidade. Pois quem conhece João Roberto Basílio, sabe que ele joga com a mesma desenvoltura em qualquer posição do meio do campo ou do ataque, sempre de cabeça erguida, flutuando, se enfiando no vazio, útil, sem máscara. Como nas 28 partidas que disputou.

Um jogador que todo técnico gostaria de ter para poder pedir, num momento de aperto como aquele do primeiro jogo decisivo, uma colaboração humilde, indispensável aos grandes campeões.

Givanildo

ELE NÃO QUIS ESPERAR O APITO FINAL

A permanência de Givanildo no Coríntians foi curta. Viveu seus dias de ídolo nos eufóricos tempos do Campeonato Brasileiro. Depois veio o duro golpe do corte da Seleção, juntando-se à dificuldade de adaptação e a outros problemas pessoais. Givanildo voltou ao Santa Cruz, mas além de participar em 24 jogos do Coríntians campeão, deixou sua contribuição pessoal. Com Givanildo, por exemplo, acabou-se a história de que a grande falha do Coríntians estava na proteção da cabeça da área, à frente da linha de zagueiros. Como volante, Givanildo organizou o setor, deu moral à defesa, e mesmo depois que foi embora não se falou mais do problema. Com sua calma e seu jeito humilde, mas com uma personalidade marcante, ajudou também a esfriar o Coríntians, que em determinados momentos atingia temperaturas insuportáveis. Seu futebol incansável, feito de atacar, defender, cobrir e lançar, foi importante para o Coríntians, que começa a se afirmar a partir do Campeonato Brasileiro de 76 para explodir no título paulista de 77.

Givanildo José de Oliveira é pernambucano de Olinda, onde nasceu em 8 de agosto de 1948. Começou jogando pelo Santa Cruz, onde foi campeão seis vezes, e para onde voltou depois de um ano no Coríntians. Já esteve na Seleção Brasileira.

Jenildo Cedro Cavalcanti, ponta-de-lança revelado pelo juvenil, com 1 partida, e Cláudio Góes, meio-campo formado no juvenil do clube, com 2 partidas, também participaram da brilhante campanha do Coríntians campeão paulista de 77.

Adãozinho

PAROU, OLHOU E LANÇOU: É MEIO GOL

Quem ainda acreditava em Adãozinho? Quem, além do técnico Osvaldo Brandão, do auxiliar João Avelino e do preparador físico José Teixeira? Talvez nem o próprio Adãozinho, tão marcado por contusões, tão exigido como o substituto ideal de Rivelino. O garoto que um dia virou um jogo perdido, contra o Palmeiras, numa vitória inesquecível. O único jogador, no time do Coríntians, capaz de fazer Rivelino jogar mais na frente, como ponta-de-lança, entregando-lhe as funções de armador.

Quase ninguém acreditava, mas aconteceu. O amparo de Brandão, o preparo de Teixeira, o papo de Avelino, e pronto. Lá estava Adãozinho, inteiro, fogoso, sadio, jogando como nos tempos de moleque, nas peladas dos terrenos baldios da Vila Mariana e nos dentes-de-leite do Coríntians. Lançando como gente grande, enfiando bolas como aquela que resultou no único gol do time na importante vitória contra a Portuguesa, a vitória que embalou o time, empurrando-o para a arrancada final, até o título que ele comemorou com lágrimas de raiva. Ou marcando como um fiel cão de guarda, rompendo com seu estilo, com sua classe, não deixando que Jair e Lúcio armassem as melhores jogadas da Ponte naquele primeiro jogo.

O lento, o apático, o desfibrado que agora precisa ser seguro na sua fogosidade, na sua gana de mostrar que já não é — ou que nunca foi — nada disso. O ex-tudo aquilo que entrou nas horas mais duras, em 12 jogos importantes: Adão Ambrósio, 26 anos, campeão paulista de 77.

Ruço

BOLA NO RITMO DO JOGO

Ruço, o bom malandro de Madureira, é a alegria, o beijinho doce, o jogador-torcida, o embaixador da geral, o povo, o herói igual falando a mesma língua, chorando as mesmas lágrimas. Chegou meio desprestigiado, vindo do Madureira por uns cruzeirinhos minguados. Mas, com muita sinceridade, ganhou logo um aliado: a fiel torcida corintiana que logo no início o aplaudiu com a mesma sinceridade, depois de uma humilhante goleada da Portuguesa. Chegou para ser reserva — ele que havia preferido o Coríntians ao Fluminense —, mas aos poucos foi ganhando a posição de titular, líder e ídolo da torcida.

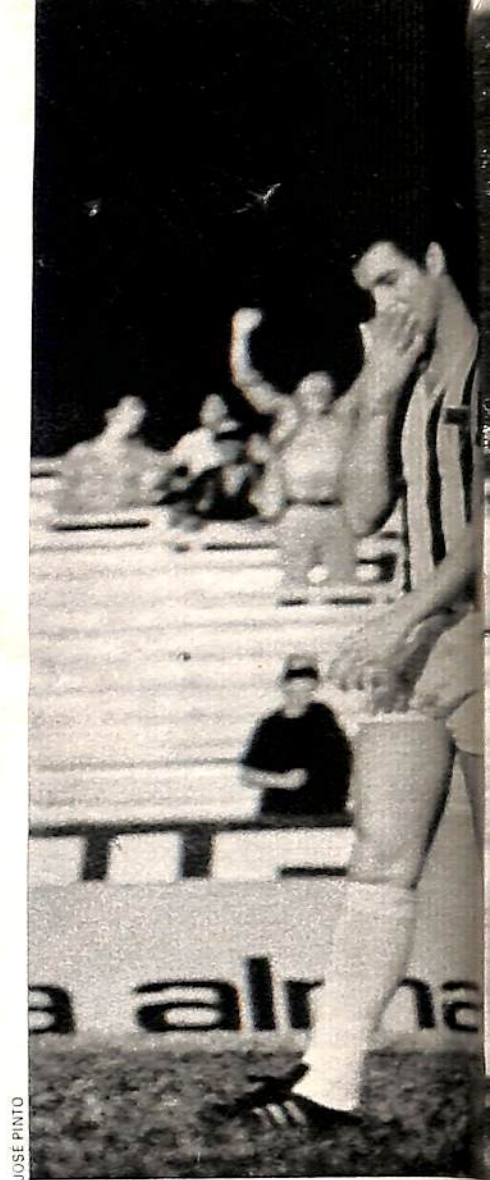
Nunca havia participado de decisões, mas aprendeu sozinho e ensinou o Coríntians a crescer nos momentos decisivos. Foi assim nos jogos finais do Campeonato Brasileiro de 1976, foi assim nos últimos jogos do Campeonato Paulista de 1977. Não prometeu títulos, prometeu entender a torcida — "para ela a minha janela vai estar sempre aberta."

Fez as duas coisas. Sua presença foi decisiva em 33 partidas da campanha do Coríntians campeão, com um futebol não muito linear. Às vezes lento demais, irritante demais, com passos laterais e atrasadinhas inconseqüentes. Outras vezes empolgantes passes em profundidade, arrancadas fulminantes, conclusões certeiras, o gol, os beijinhos para a torcida.

Jogou nas várzeas do Irajá. Depois foi se organizar no futebol de salão do Fluminense de Caxias. Tentou a sorte na escolinha do Olaria, mas, filho de mãe pobre, teve de ir trabalhar para viver.

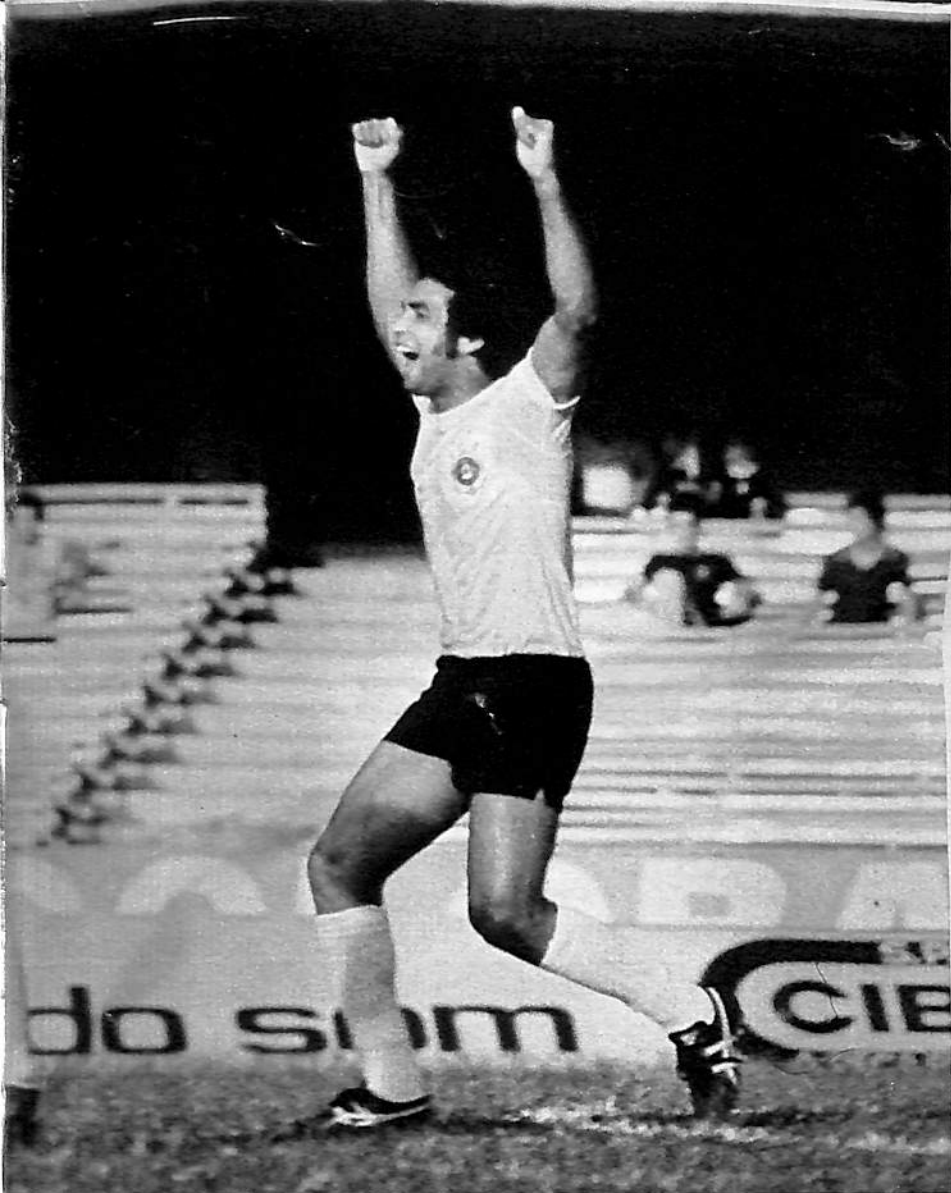
Acertou mesmo quando foi para o Madureira, mas teve de forçar a barra. Foi emprestado ao Botafogo, voltou, outro empréstimo, para o Remo, voltou de novo e entrou no time mais certinho que o Madureira já teve nos últimos tempos. Daí para o Coríntians, o passo certo.

José Carlos dos Santos. O Super-homem? Não. O Ruço.

RONALDO KOTSCHO

JOSÉ PINTO

Geraldo

O ARTILHEIRO DOS PÉS À CABEÇA

O Coríntians é mais uma vez campeão. O povo ainda está nas ruas, as bandeiras ainda tremulam, a cidade continua sorrindo, os bares continuam cheios, a confraternização é grande, contagiante, descobrindo becos e vilas. Mas não procurem Geraldo em nenhum desses lugares. Não tentem encontrá-lo eufórico, figura central de comemorações, aceitando elogios, diferente do homem que a dureza da vida, a enxada, a roça, a fome, a polenta com açúcar, prato de muitos dias na pequena Álvares Machado, ensinaram a ser. Se quiserem encontrá-lo, sigam até seu apartamento, ali mesmo perto do Coríntians. Ali ou na casa de algum dos poucos amigos, gente simples como ele, falando de outras coisas, pensando no próximo jogo, num novo título, quando a torcida, provavelmente, voltará a vaiá-lo depois de per-

Palhinha

NO FINAL, UM GOL QUE VALEU 7 MILHOES

— Sete milhões de cruzeiros? É pouco. Bota milhão nisso que a gente cobre.

Perdido na multidão que, naquela tarde de 2 de março, congestionava o aeroporto de Congonhas em busca do aceno do novo ídolo, o torcedor não fez por menos. Se aproximou de Mateus, abraçado a Palhinha, e implorou:

— Compra que a torcida paga.

O Coríntians comprou. Palhinha pagou. Pagou aquela enorme confiança que a multidão atribuiu-lhe assim que, pela primeira vez, ele entrou em campo para defender a garra da fiel. O Coríntians perdeu, a torcida não perdeu por esperar. Nem por acreditar.

Com toda a razão. Vanderlei Eustáquio de Oliveira, simplesmente Palhinha, de repente o Fabuloso, vinha de Minas com 27 anos trazendo um futebol moderno. De garra e técnica, de toque e pau, de manha e catimba. Com toda a frieza.

— Quando cheguei aqui, disse que essa história de 23 anos sem conquistar título era bobagem. E não era?

Claro, como o próprio otimismo que, jogo a jogo, Palhinha foi transportando para todo o time. Jogando recuado, cercando o meio-campo. Jogando na frente, marcando os gols com Geraldão. Os possíveis e os impossíveis. Com a 8, com a 9, com a 10, com a 11. Com todas elas. Por todos os 34 jogos, por todos os campos.

Humilde como chegou, fabuloso como sempre foi, fiel mais que nunca: "O Coríntians precisa mais de mim que a Seleção".

der algum gol certo, e quando ele, na certa, continuará lutando, surdo, valente, certo de que só o gol, mais um gol, tem o poder de transformar a vaia em aplauso, o ódio passageiro em amor eterno.

Filho de pais pobres, obrigado a pegar no cabo da enxada desde os oito anos de idade, jamais conseguindo esquecer-se do drama vivido em Marília, quando, sem dinheiro e sem receber, precisou limpar quintais para sair da cidade, Geraldo da Silva, 26 anos, 1,80, 83 kg, corintiano sim senhor, já foi comparado com Artime — o grande artilheiro argentino —, já foi elogiado como Baltazar, o goleador dos outros tempos.

Mas continua preferindo ser apenas ele, Geraldão Manteiga, artilheiro paulista quando ainda jogava no pequeno Botafogo de Ribeirão Preto, o grosso que provou poder jogar bem, mesmo estando longe do companheiro Sócrates, o jogador sério que já pode transpirar alegria e ouvir dos amigos que ele, Geraldo, é, com todos os méritos, campeão paulista de 1977. Campeão, artilheiro do time, um batalhador constante, terror das defesas contrárias, o grosso que todo mundo gostaria de ver no seu time, ele jogou 46 vezes.

JOSÉ PINTO

CORÍNTIANS

Zé Maria
Tobias
Moisés
Ruço
Zé Eduardo
Vladimir

Palhinha
Vaguinho
Basílio
Geraldo
Romeu

FOTO MANOEL MOTTA

Campeão Paulista/77

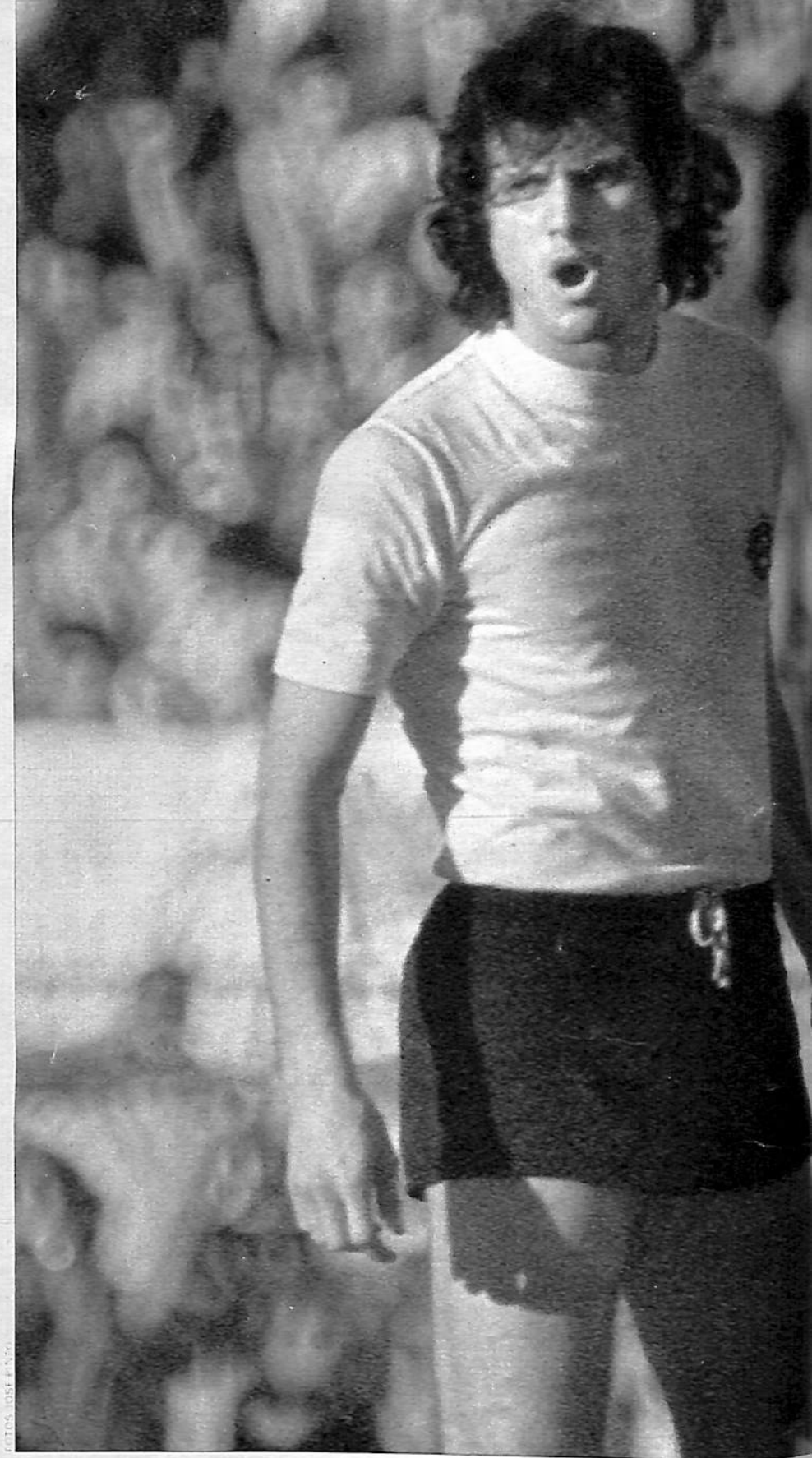
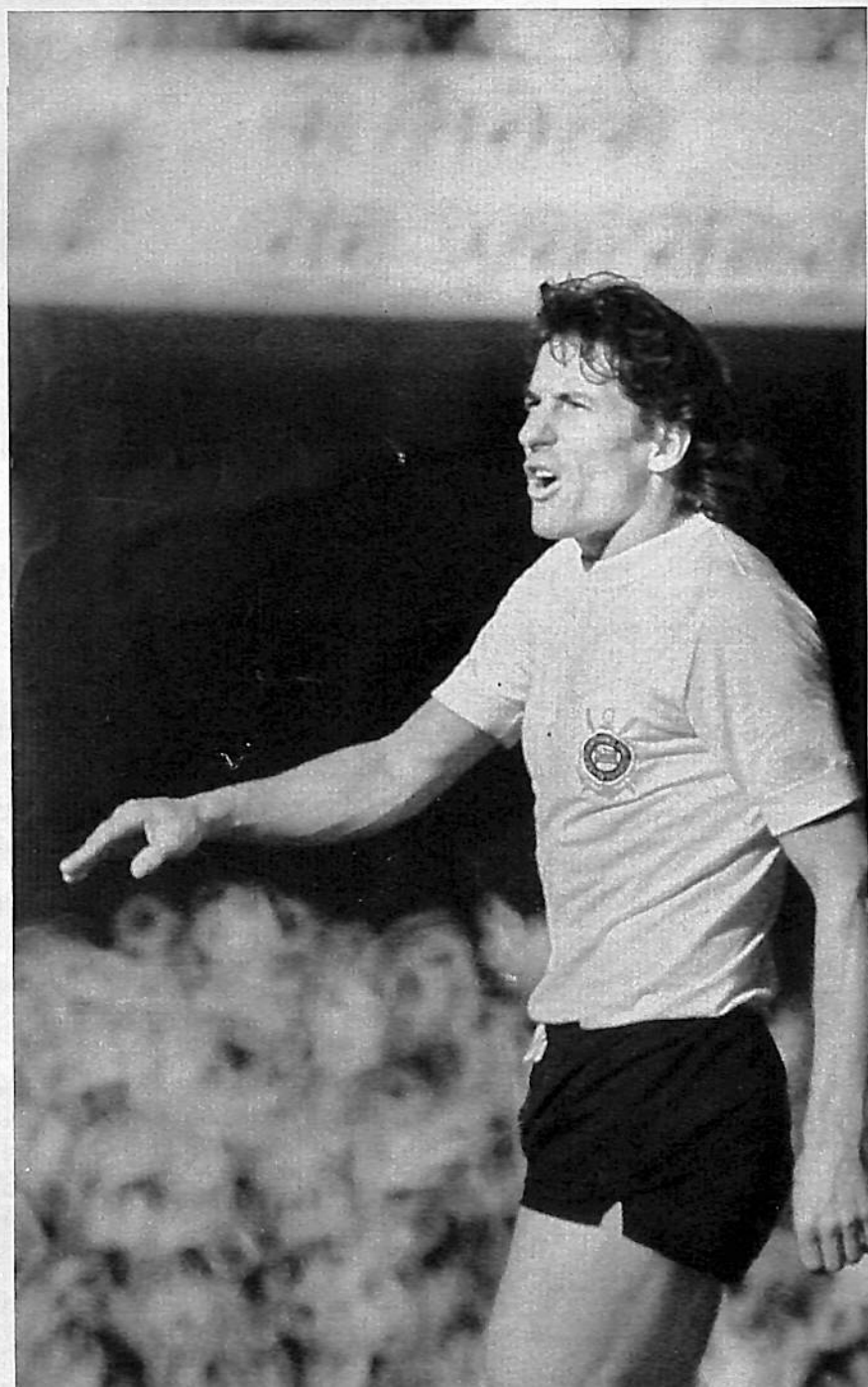
Moisés

UM XERIFE QUE BATE FIRME. ATÉ NA BOLA

Moisés, o xerife. Ele grita, gesticula, empurra. Bater, ainda não bateu, mas quem o vê de longe tem a impressão que vai acontecer a qualquer momento. É a voz de comando que alerta para o perigo, corrige o defeito e coloca ordem na casa. Sem melindres, que os companheiros reconhecem a utilidade de suas providências, acatam suas decisões e pedem mesmo que ele não se descuide de suas funções de guia.

Mas o Moisés não é só de falar. Ele também faz. Recursos técnicos não são seu forte, mas ele compensa encarando o jogo com muita seriedade e o adversário com pouca consideração. Um jogador que fez nome pela valentia e pela determinação em conseguir a vitória, e que mereceu a fama de violento.

Foi por suas qualidades de líder e de homem mau, que o Coríntians se dispôs a comprar seu passe no ano passado, pagando ao Vasco a importância de 1 milhão e 100 mil cruzeiros. E Moisés não decepcionou. Seu temperamento forte o colocou em conflito com os dirigentes do clube mais de uma vez, mas ele sempre conseguiu dar a volta por cima, para continuar gritando e batendo até levar o Coríntians ao tão cobiçado título.

Moisés Matias de Andrade nasceu em Agulhas Negras, RJ, em 1947. Aos 13 anos se revelava o marcador duro e implacável que o levaria a brilhar no futebol carioca. Primeiro no Bonsucesso, depois Flamengo e Botafogo e finalmente o Vasco, onde viveu uma de suas melhores fases, ganhando o Campeonato Brasileiro de 1974. Mereceu também uma convocação para a seleção brasileira em 73. Depois de uma carreira bem-sucedida no Rio, o maior desafio: ser campeão pelo Coríntians. Moisés, xerife e homem mau, venceu, participando de 43 jogos do campeão.

Zé Eduardo

A ÚLTIMA GARANTIA: UM FIEL DENTRO DO CAMPO

Um zagueiro técnico com sotaque de beque da roça. Não que lhe faltem condições para dominar a jogada e sair com a bola no chão. Muito pelo contrário. Sua capacidade técnica faz até com que ele sonhe em ser meia-direita um dia. Mas se o esquema do Coríntians exige e a situação obriga, Zé Eduardo não vacila. Mete o bico na bola e alivia.

Nascido em Campinas, no dia 12 de abril de 1954, filho do pastor protestante Calvino Batista Pereira e de dona Ruth Toledo Pereira, o menino Zé Eduardo viveu mudando de cidade em cidade. Em Bragança Paulista descobriu a magia da bola, em Itu foi descoberto pelo primeiro time organizado — o Ituano — e pelo Coríntians.

Fez sucesso no juvenil, até estourar a idade. Depois, prata-da-casa, teve de esperar. Foi até o Japão e voltou para servir ao Coríntians. A oportunidade apareceu nos últimos jogos do Campeonato Brasileiro do ano passado. Começou vencendo — 4 a 1 em cima do Caxias — e mostrando que era bom. A colocação perfeita, a rapidez de raciocínio, o sentido de cobertura, a categoria para sair jogando, e a disposição para sair rachando, o corpo atlético — 1,81 m e 80 kg de múscu-

Darci

UM CURINGA PRONTO PARA QUALQUER SACRIFÍCIO

Um belo dia, o Darci que treinava basquete no Coríntians entrou na pelada e virou jogador de futebol. Craque não era, mas teve paciência para esperar. *Atuando* um dia na lateral, *outro na zaga* central ou na *quarta zaga*, provou sua *dedicação* e *entrou* para a *história* disputando 16 jogos *pelo* Coríntians campeão.

Darci Marques Júnior, 23 anos, está no Coríntians' desde 19 Lá mesmo ganhou um campeonato juvenil, formando uma respeitável dupla de área com Zé Eduardo, em 1974. Em 1975 e 1976, ocupou por algum tempo a zaga central do time titular. Não teve oportunidade para se firmar, mas provou sua vocação de corintiano, superando suas limitações técnicas, com uma disposição rara, dando tudo de si pelo time e pela vitória. Perdeu seu lugar no time, mas jamais se negou a colaborar. Um colaborador discreto, mas sempre pronto a entrar para o sacrifício, com toda boa vontade.

los bem distribuídos — transformando-se em barreira de força e vontade, o adversário dominado, a bola jogada para o mato. Não que seja do estilo. Mas pelo Coríntians Zé Eduardo se sacrifica, jogando na sobra como derradeira garantia.

Um jogador frio e habil, um rapaz sério e com preocupações espirituais. O que não impede que seja uma figura perfeitamente integrada no espírito corintiano, molhando a camisa, identificando-se com a Fiel, batendo firme na bola e no adversário, sofrendo com os insucessos, vibrando com as vitórias.

Ele próprio um fiel que aprendeu que lá em cima tem alguém olhando pelos que lutam aqui embaixo. José Eduardo Pereira, 23 anos, 29 jogos neste Campeonato Paulista.

Ademir

UM ZAGUEIRO DE RAÇA, CORINTIANO ATÉ O FIM

Em campo, Ademir parece sempre estar com os nervos à flor da pele. Briga, reclama, bate, apanha e não se entrega. Batalhador, daqueles que lutam até o último minuto, ele entrou e saiu do time, revezando-se com Zé Eduardo na quarta zaga. Completou 29 jogos pelo Coríntians campeão, com muita garra e vontade de zagueiro sério que gosta de sair tocando a bola.

Fora de campo, Ademir José Gonçalves, 29 anos, é um rapaz calmo, com jeito de caipira do interior paulista. E foi no interior que ele começou a jogar. Revelou-se para o futebol, defendendo o União Agrícola de Santa Bárbara do Oeste, em 1967. Subiu um pouco mais, e dois anos depois foi para o XV de Piracicaba, onde ficou até 1972. Finalmente o Coríntians de seus sonhos, onde ele garante que vai encerrar a carreira.

Beline, paraibano de 23 anos, disputou duas partidas pelo Coríntians campeão, substituindo Zé Maria na lateral direita.

Nicola
NO DRIBLE, NO PIQUE, NO VELHO ESTILO

Dente-de-leite na Portuguesa, juvenil no Juventus, ninguém prestou muita atenção a Rubens Nicola. Tanto que ele só chegou a profissional num time pequeno — o Olaria carioca. Aí, de certo modo, ficou famoso. Não era um craque, mas era sem dúvida quem mais corria em campo. Por isso, o Botafogo, que andava quase parando, tomou-o emprestado para disputar o Campeonato Brasileiro do ano passado.

No começo deste ano — e novamente por empréstimo —, Nicola veio para o Parque São Jorge. Jogou só quatro vezes — afinal, Vaguinho era um titular difícil de vencer. E o time estava armado no estilo do mineiro. Bem diferente do de Nicola, ponta ao velho estilo. Bom de drible, bom de pique. E, aos 21 anos, aprendendo a recuar e a ajudar o meio-de-campo.

JOSÉ PINTO

Vaguinho
A CORRIDA DE SEMPRE, AO LADO DO POVÃO

Quatrocentos mil cruzeiros era muito dinheiro e a diretoria do Atlético encontrou uma solução bem mineira para vender Buião ao Coríntians:

— Engessa a perna dele e bota o reserva em campo.

Buião não tinha contusão alguma mas o gesso na perna servia para dar uma satisfação à torcida do Galo, apaixonada e furiosa. Em seu lugar entrava um menino vindo do juvenil, magro, rápido, fintador, com muita fome de bola. Em três ou quatro rodadas a torcida já tinha esquecido Buião, e Vaguinho — Vagno de Freitas — era o novo grande ídolo da galera do Atlético Mineiro.

E o que o menino de Sete Lagoas — filho mais velho de Jaci de Freitas e de Maria Gomes de Freitas, seis irmãos — estava fazendo, em pouco tempo virou folclore em Minas Gerais. Lucas — daquele ataque com Lauro, Carlyle, Lero e Nívio — e o próprio Buião, já não estavam na

memória dos mais fanáticos, e o garoto Vaguinho, cada vez mais fogoso e valente, surgia na boca e no coração do torcedor como o novo maior ponta direita do Brasil. Chegou a ser apontado como um dos homens de ouro para a Copa do México mas, ficando de fora, acabou seguindo o caminho de Buião, trocando o Atlético pelo Coríntians, um time de massa por outro time de massa.

Chegou em julho de 1971, quando completava apenas 21 anos de idade (11-2-1950) e, longe de se apavorar com os problemas que naquele tempo envolviam o time, cultivando o velho tabu, mostrou-se desde logo um jogador vitorioso, brioso, lutador, e um homem inteligente, disposto ao diálogo, sempre sem meias-palavras. E basta dizer que é, hoje, o jogador mais antigo no clube, presente em quase todas as batalhas — só ficando de fora por contusão ou por exaustão — sempre nos braços do povão. Disputou 42 jogos.

Superou a fase das vaias, venceu as contusões, passou pelos desastres, casou-se, continuou lutando, mostrando que prefere jogar sempre na frente, como verdadeiro ponta, zombando e ganhando do lateral. Hoje, descontraído, vencedor de uma dura e sacrificada batalha, já pode gritar, cheio de orgulho: eu sou campeão paulista. Eu venci. Nós vencemos. Que o Coríntians ganhou o mais puro e mais belo de todos os títulos.

JOSÉ PINTO

Lance

UM ESPECIALISTA EM SEGURAR AS VITÓRIAS

Lance é destes cuja história se confunde com os dramas e as alegrias do Coríntians. Destes que não podem ser chamados de craque, mas que se *desdobram*, se *multiplicam*, se matam pelo time e *pela vitória*. Destes que esquecem todas as gentilezas no vestiário e entram em campo só grossura, xingos, reclamações, brigas para evitar a derrota. Destes que sempre têm razão e sempre acham que o Coríntians é o maior.

Por causa disso ficou um ano suspenso, foi expulso de campo um sem-número de vezes, agrediu adversários, perdeu a conta de cartões amarelos que levou. *Indisciplinado?* Sua folha no clube atesta que não. É a paixão, o coração que sobe à cabeça e assume o comando das ações, ordenando à guerra.

Não foi à toa que já nasceu corintiano e que seu primeiro time também se chamava Coríntians. Coríntians de Casa Branca, a cidade onde nasceu, há 28 anos, Ernesto Luís Lance. Correu mundo, jogou na Ferroviária de Araraquara, no São José dos Campos, no América de Rio Preto, no São Carlos e chegou ao Coríntians, onde na verdade deveria ter estado sempre. Sua fama de artilheiro, de emérito cabeceador abriu-lhe as portas do Parque São Jorge.

Nem sempre teve uma posição definida, nem sempre foi titular, mas sempre vibrou e sofreu, sempre se colocou inteiramente à disposição para colaborar. No Equador, por exemplo, pela Libertadores deste ano, fez as vezes de preparador físico no primeiro jogo, e no outro ficou no banco como goleiro. E foi com esse espírito de entrar onde e quando for preciso que participou de dez jogos pelo Coríntians campeão.

A SOFRIDA E GLORIOSA JORNADA ATÉ A VITÓRIA

Nem sempre os jogos que decidem o título são os mais importantes. Às vezes um jogo solto no meio da tabela é o que faz de um time o campeão.

1

JOSÉ PINTO

2

JOSÉ PINTO

6

JOSÉ PINTO

7

4

JOSÉ PINTO

5

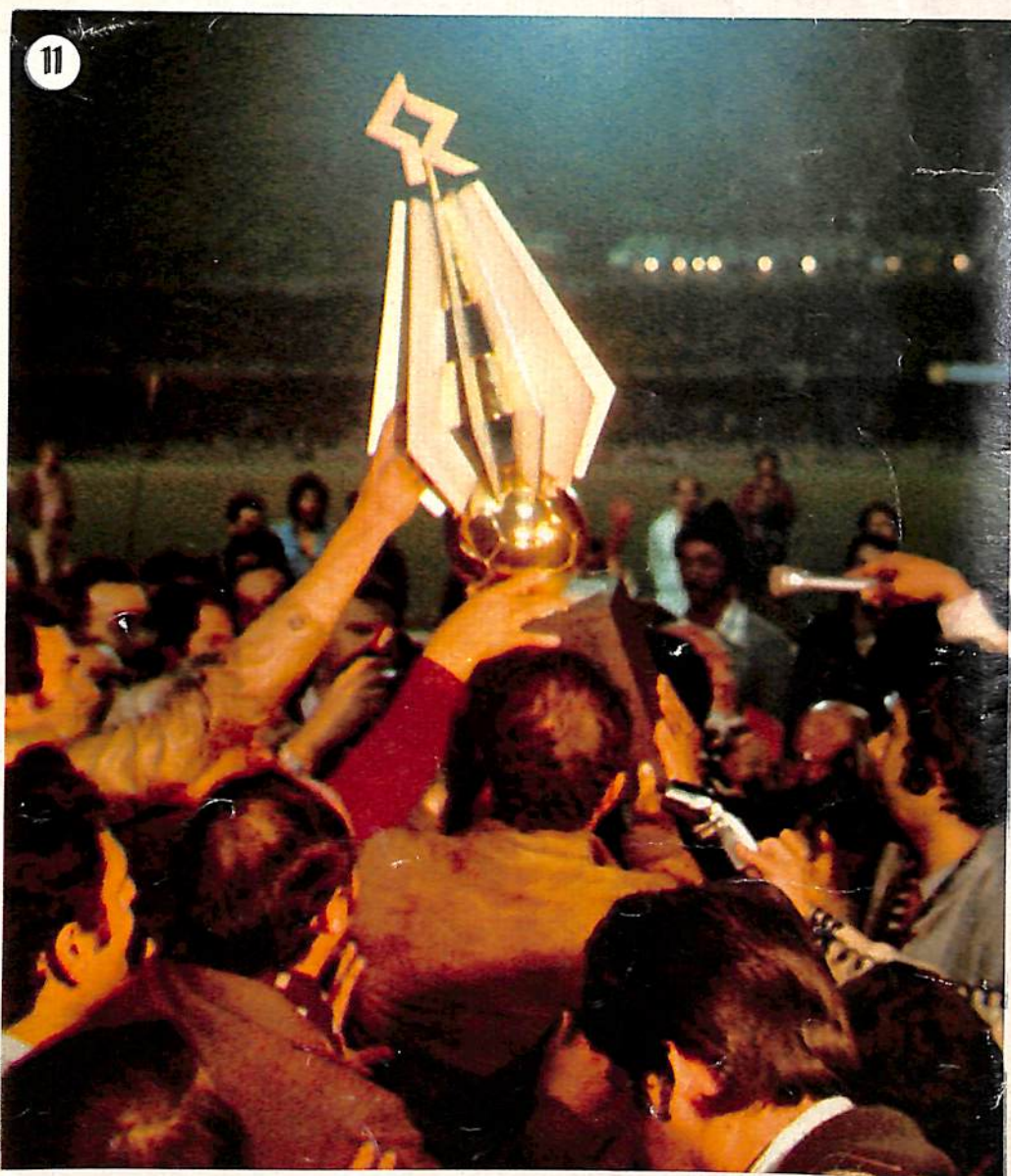
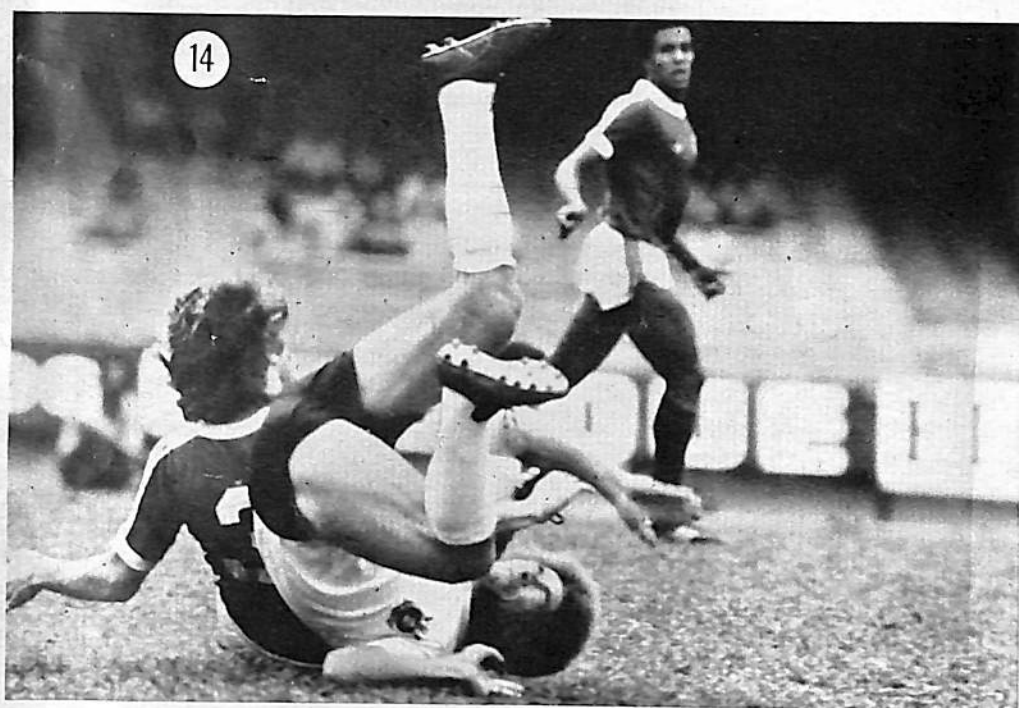
9

JOSÉ PINTO

MANOEL MOTTA

JOSÉ PINTO

RONALDO KOTSCHO

MANOEL MOTTA

1 — Foi ainda no primeiro turno. O time não vinha bem e a solução encontrada foi a contratação de Palhinha. No domingo de manhã, dia 26 de março, uma festa, com Morumbi lotado. Estreava a nova esperança corintiana, mostrando que sabia tudo de bola, enfrentando, porém, um Guarani muito inspirado que calou o povão corintiano ganhando por 3 a 0. Depois da derrota, a notícia mais importante: Duque caía e Brandão assumia. O Timão começava a ser campeão.
2 — Já no 2.º turno, dia 26 de maio, não houve recurso — como esse de Nílton Batata contra Vladimir — que parasse o Timão. Uma goleada por 4 a 0 diante do Santos, mostrava que o Coríntians não estava para brincadeiras.
3 — No domingo seguinte, no entanto, a grande surpresa. O time era derrotado em Jaú por 3 a 0 e a torcida, desesperada, invadia o campo como que querendo fazer aquilo que os jogadores não conseguiam.
4 — Dia 24 de julho, depois de alternar uma série de bons e maus resultados, outa humilhação: derrota por 4 a 2 contra o Palmeiras. A vingança viria mais tarde.
5 — Três dias depois, contra o Marília, só a vitória interessava. E ela veio sofrida, aos 32 minutos do 2.º tempo, com uma cabeçada de Vaguinho. O time começava a mostrar que era de chegada.
6 — Pela segunda vez o São Paulo era derrotado e a classificação para o quadrangular decisivo era praticamente assegurada. Jogando com o coração, cada corintiano equivalia a dois, três tricolores.
7 — No último jogo do turno, a massa alvinegra batia o recorde de público do Pacaembu. O adversário seria a mesma Ponte Preta que havia goleado o Timão por 4 a 0 no primeiro turno, em Campinas. Estava tudo marcado para ser a noite da desforra. Os campineiros precisavam dos três pontos e quase conseguiram, ganhando por 2 a 1 e causando um verdadeiro trauma na torcida corintiana. Só Brandão parecia não ligar muito.
8 — Na primeira partida decisiva do quadrangular, o adversário era novamente o São Paulo. Geraldo, logo no início, faria seu terceiro gol de cabeça nos tricolores em 77. O Coríntians mostrava que cada jogo tinha uma história, que as partidas passadas eram imediatamente esquecidas, e que a única história que não poderia mudar era a das vitórias contra o São Paulo. Serginho empataria no segundo tempo, forçando uma prorrogação em que o Timão jogava pelo empate. Era pouco. Luciano foi lá e desempatou, explodindo a torcida na casa dos inimigos.
9/10/11 — Chegava a noite da grande final. No dia 31 de agosto, Coríntians e Palmeiras decidiam quem ia ficar com a Taça Governador do Estado de São Paulo. Ao Timão, o empate seria suficiente, mas ninguém pensava nisso. O importante era bater o Palmeiras, era devolver a derrota de 74. Não deu outra coisa. Geraldo, mais uma vez Geraldão, faturou o goleiro Leão e iniciou uma festa por toda a cidade, que seria apenas a amostra da comemoração final. O Coríntians era campeão, mas não era ainda o campeão que queria e iria ser.

12
FITAS
MANOEL MOTTA

13
TINTAS
MANOEL MOTTA

14

15

16
MANOEL MOTTA

GREEN

JOSÉ PINTO

12 – Fim de festa, *dia* 4 de setembro começa o 3.º turno, o realmente importante, para o qual a massa já havia classificado o time por renda – e os jogadores, agradecidos, confirmado dentro do campo. O Santos foi o primeiro adversário e o empate por 2 gols, na virada, foi quase uma vitória.
13 – No domingo seguinte, a Ponte no caminho. Pela terceira vez os campineiros venciam e já pintavam como finalistas.

JOSÉ PINTO

14 – Dia 18, um jogo de vida ou morte. Coríntians e Palmeiras não podiam nem empatar. A raiva, a garra, mais a sede de vingança, e a vitória por 2 a 0, numa tarde em que Ruço só não fez chover. Ou melhor: fez sim.
15 – O time dependendo de si mesmo, a esperança ressuscitada, o São Paulo perdendo para a Ponte e, mais uma vez, a sexta neste campeonato, um time de Campinas – agora o Guarani de novo – vencia o Coríntians. Por 1 a 0, no Pacaembu.
16 – Em Ribeirão Preto, dia 25 de setembro, ainda dependendo apenas de seus próprios resultados, começa a grande escalada, a trajetória de um time definitivamente de chegada. Romeu faz um golaço e Brandão já começa a pensar em bater a Portuguesa. A qualquer custo.
17 – E vem a Lusa. O time corintiano não joga bem, mas, muito mais importante, não perde a calma. Busca o gol com tranqüilidade e – adivinhem quem? – Geraldão faz de cabeça o tento da vitória. A Portuguesa veio toda, mas Tobias garantiu.
18 – Faltava só o São Paulo, jogando pelo empate. E entrou para isso. Foi castigado. Geraldo, de cabeça – pela quarta vez – fez 1 a 0. Romeu fazendo de tudo – até pisando na mão de Teodoro – marcou o segundo por entre as pernas de Valdir Peres. Serginho diminuiu. E só. Um, dois, três, o São Paulo é freguês.
19/20/21 – Palhinha chuta, Carlos defende, a bola volta e, com a cara, o 1 a 0 definitivo. A explosão. O torcedor finca a bandeira no centro do gramado. A Ponte caiu pela primeira vez. Vai cair de novo. Acabou o pesadelo. Agora, agüentem! É o Timão! É o Coringão! É campeão! É campeão!

JOSÉ PINTO

MANOEL MOTTA

UM DOMINGO QUE LEMBROU 16 DE JULHO

Nesse domingo de povo, o que menos interessava era o jogo lá no gramado. Pois a festa se iniciara desde a primeira partida, a cidade proclamando seu campeão e a torcida acreditando — que, à torcida, tudo fazia crer que chegara seu dia. No Morumbi, 150 mil pessoas gritando seu nome, gritando *Vaguinho!*, quando o ponta entrou pelo meio e ergueu um lençol sobre o goleirinho da Ponte. Primeiro tempo, ainda, e o Coríntians disparava, tornava mais segura sua vitória. Mas, na fase final, uma duvidosa falta permitiu que o inimigo chegasse lá, para desespero de Jairo e da torcida. E, mal dos pecados, um lance fortuito colocaria Rui Rei na frente do gol. E a festa foi adiada . . .

Brasil ficou vazio na tarde de domingo. Quem não estava no Morumbi — e lá estavam mais de 150 mil pessoas — tinha os olhos pregados na televisão, de norte a sul do país, para acompanhar a apoteose corintiana. Depois de 23 anos, tudo indicava que a festa do povo iria, realmente, acontecer.

A cidade amanheceu cantando. As ruas ganharam novo colorido com o branco e o preto das bandeiras. E as rádios anunciavam, em tom patético, que chegara o dia da redenção.

E veio o jogo, numa celebração de festa e de certeza, como se os 90 minutos, ali no gramado do Morumbi, não passassem de simples protocolo para consagrar o time de Zé Maria. Helicópteros desciam e subiam, trazendo personalidades várias, vestindo-as todas com faixas de campeão de 77. No meio da torcida, eufórica quase ao nível da histeria, um ou outro torcedor empunhava um *pedaço de pano* onde se lia: "Campeão *paulista* de 77". De nada valiam as precauções daqueles que, veteranos no jogo da vida, diziam desconfiados:

— Isso pode secar . . .

Quem poderia secar, naquele luminoso domingo de outubro, a deslumbrante façanha corintiana? Que forças maléficas poderiam provocar uma catástrofe, se escrito estava, nas linhas de jornais e na fala das rádios, que, desta vez, ninguém tascava?

Do rosto do torcedor uniformizado, desceram duas teimosas lágrimas, quando o esquadrão corintiano entrou em campo. Era o céu, eram rojões espocando, eram palmas se unindo naquele aplauso, eram gritos se somando num brasileiro abraço. E o Morumbi foi contemplado por todo o público do país, numa evidência, via satélite, de que o fenômeno extrapolava, de que o delírio ia além dos limites, de que a festa conquistava.

Só os idiotas da objetividade, aqueles que teimam em ver o futebol com os olhos míopes da lógica, é que se mantiveram a distância. Que o povão estava contente, como nunca esteve, no pique da celebração e na iminência do clímax.

Veio o jogo. Veio a contusão de Palhinha, seguida do gol de Vaguinho. No intervalo do jogo, já se programava o carnaval, a invasão de campo, a sensação do jogador no seu ombro, o calor do parabéns a você, curtido no aperto de mãos (mas devia ser de pés) a cada herói da conquista. E veio, então, o segundo tempo, cartões amarelos se assanhando na mão do juiz sem moral. Time dando chutão e levando dois gols inexplicáveis.

Brasil ficou vazio na tarde de domingo. Como num 16 de julho de 1950.

TABELÃO

Um time de chegada: assim foi o Coríntians em todo o Campeonato Paulista deste ano. Em 45 jogos, teve 28 vitórias. Mas foram vitórias decisivas, nas horas certas. Primeiro, ao levantar o turno que lhe deu a Taça Governador do Estado de São Paulo. Depois, ganhando exatamente os três jogos indispensáveis para que chegasse às finais contra a Ponte Preta. Um time de chegada. E uma torcida também de chegada. Ela foi junto com o Coríntians na hora da decisão. Daí, o recorde de renda, a explosão do Morumbi, o carnaval na cidade.

SÃO PAULO
CAMPEONATO ESTADUAL
1.º TURNO

10/fevereiro/77
CORÌNTIANS 2 X PORT. SANTISTA 0
Local: Pacaembu; Juiz: José de Assis Aragão; Renda: Cr$ 632 715,00; Gols: Edu (pênalti) 35 do 1.º e Basílio 39 do 2.º
Coríntians: Tobias, Beline, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Basílio, Luciano, Romeu, Vaguinho, Geraldo e Edu
Portuguesa Santista: Maurinho, Tuca, Lazinho, Zé Morais, Carpinelli, Jovenil, Miguel, De Rosis, Gílson, Clayton e Veiguinha

13/fevereiro/77
PONTE PRETA 4 X CORÌNTIANS 0
Local: Moisés Lucarelli; Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda: Cr$ 443 560,00; Público: 21 962; Gols: Rui Rei 20 e Dicá (pênalti) 24 do 1.º; Jair 23 e Parraga 40 do 2.º; Cartão amarelo: Cláudio Mineiro
Ponte Preta: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi, Odirlei, Vanderlei, Marco Aurélio, Dicá, Lúcio (Wilsinho), Rui Rei (Parraga) e Tuta
Coríntians: Tobias, Beline (Góis), Moisés, Ademir (Darci), Cláudio Mineiro, Basílio, Luciano, Vaguinho, Ruço, Geraldo e Edu

16/fevereiro/77
CORÌNTIANS 3 X COMERCIAL 0
Local: Pacaembu; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 449 160,00; Público: 21 670; Gols: Romeu 36 e Geraldo 45 do 1.º; Geraldo 37 do 2.º; Cartão amarelo: Gonçalves, Cláudio e Tobias
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro, Ruço, Basílio (Góis), Luciano (Jenildo), Edu, Geraldo e Romeu
Comercial: Lula, Laudemir, Leonardo, Gonçalves, Cláudio, Tim, Quina (Vânder), Sérgio Alonso, Zuza, Ziquita e Bernardo (Jáder)

19/fevereiro/77
PAULISTA 0 X CORÌNTIANS 2
Local: Jundiaí; Juiz: Édson Massa; Renda: Cr$ 367 100,00; Público: 17 942; Gols: Ruço 18 e Edu 23 do 1.º; Cartão amarelo: Basílio: Expulsões: Zé Eduardo e Brinda
Paulista: Édson, Cícero, Marcos (Domingos), Djalma Santos, Lázaro, Fernando, Mosca, Vágner, Lula, Brainer (Adilson) e Brinda
Coríntians: Tobias, Darci (Ademir), Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Ruço, Basílio, Luciano, Edu, Geraldo e Romeu

24/fevereiro/77
FERROVIÁRIA 0 X CORÌNTIANS 0
Local: Araraquara; Juiz: Almir Laguna; Renda: Cr$ 200 070,00
Ferroviária: Sérgio, Tinteiro, Mauro, Sérgio Miranda, Carlos, Romero, Wilson Carrasco, Zé Rubens, Marcos, Luisão e Tatinho
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro, Ruço, Basílio, Luciano (Vaguinho), Edu, Geraldo e Romeu

27/fevereiro/77
MARÍLIA 0 X CORÌNTIANS 2
Local: Marília; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 309 560,00; Público: 11 272; Gols: Geraldo 6 do 1.º e Romeu 27 do 2.º; Cartão amarelo: Ademir (Cor) e Ademir (Mar)
Marília: Gaúcho, Vanderlei, Mariâni, Ademir, Altair, Nedo, Alcir (Robertinho), Mojica, Itamar, Cunha (Sabino) e Abel
Coríntians: Tobias, Darci (Zé Eduardo), Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro, Ruço, Luciano, Edu, Geraldo, Basílio (Vaguinho) e Romeu

2/março/77
CORÌNTIANS 0 X JUVENTUS 1
Local: Pacaembu; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 1 120 840,00; Público: 49 752; Gol: Tatá 36 do 1.º; Cartão amarelo: Darci
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Ademir, Vladimir, Givanildo, Ruço, Luciano, Edu (Vaguinho), Geraldo e Romeu
Juventus: Armando Fracali, João Carlos, Carlos, Polaco, Deodoro, Tião, Serginho, Elói, Xaxá, Tatá (Tadeu) e Wilsinho

6/março/77
BOTAFOGO 2 X CORÌNTIANS 2
Local: Ribeirão Preto; Juiz: Oscar Scolfaro; Renda: Cr$ 587 460,00; Público: 33 088; Gols: Basílio 29, Sócrates 30 e Zé Mário 33 do 1.º; Vaguinho 17 do 2.º; Cartão amarelo: Arlindo e Ademir
Botafogo: Leonetti, Wílson Campos, Nei, Manuel, Mineiro, Mário (Osmarzinho), Lorico, João Carlos Motoca, Zé Mário, Sócrates (João Carlos Traina) e Arlindo
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Ademir, Vladimir, Givanildo, Luciano (Edu), Basílio, Vaguinho, Geraldo e Romeu

10/março/77
CORINTIANS 2 X PORT. DESP. 0
Local: Pacaembu; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 954 880,00; Público: 40 852; Gols: Geraldo 4 do 1.º e Ruço 34 do 2.º; Cartão amarelo: Moisés e Badeco
Coríntians: Tobias, Darci (Ademir), Moisés, Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo, Basílio (Romeu), Ruço, Vaguinho, Geraldo e Edu
Port. Desportos: Moacir, Marinho, Mendes, Isidoro, Bolívar, Badeco, Alexandre Bueno, Antônio Carlos, Enéias, Eudes e Valtinho (Esquerdinha)

13/março/77
NOROESTE 1 X CORÌNTIANS 0
Local: Bauru; Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda: Cr$ 407 430,00; Público: 18 136; Gol: Manuel Maria 44 do 1.º
Noroeste: Luís Carlos, Élcio, Didi, Araújo, Maurício, Zé Carlos, Nivaldo, Manuel Maria, Carlos Roberto (Valfrido), Nélson Borges e Rodrigues
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo, Ruço, Vaguinho, Geraldo, Luciano (Lance) e Edu

20/março/77
SANTOS 1 X CORÌNTIANS 1
Local: Morumbi; Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda: Cr$ 3 203 260,00; Público: 116 881; Gols: Vaguinho e Aílton Lira 5 do 2.º
Santos: Ricardo, Leo, Aílton Silva, Neto, Fernando, Carlos Roberto, Aílton Lira, Nílton Batata, Toinzinho, Reinaldo (Babá) e Rodrigues (Totonho)
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Ademir, Vladimir, Givanildo, Ruço (Luciano), Vaguinho, Basílio, Geraldo e Edu (Romeu)

23/março/77
SÃO BENTO 0 X CORÌNTIANS 0
Local: Sorocaba; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 271 050,00; Público: 13 448; Cartão amarelo: Moisés e Basílio
São Bento: João Marcos, Toninho, Clodoaldo, Tutu, Nelsinho, Serelepe, Gatãozinho, Carlinhos, Valmir (Tulica), Titica e Sérgio Ramos
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Ademir, Vladimir, Givanildo (Luciano), Ruço, Basílio, Vaguinho, Geraldo e Romeu

26/março/77
CORÌNTIANS 0 X GUARANI 3
Local: Morumbi; Juiz: Almir Laguna; Renda: Cr$ 1 650 100,00; Público: 60 034; Gols: Renato 5 do 1.º; Renato 13 e Zenon 29 do 2.º; Cartão amarelo: Campos e Neneca
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Darci, Ademir, Vladimir, Givanildo, Basílio, Vaguinho, Ruço (Geraldo), Palhinha (Luciano) e Edu
Guarani: Neneca, Miranda (Mauro), Gilberto, Amaral, Cuca, Flamarion, Zenon, André (Brecha), Renato, Campos e Valdez

*Coríntians e XV de Jaú, previsto para 30/março/77, foi adiado para 11/maio/77

17/abril/77
SÃO PAULO 0 X CORÌNTIANS 1
Local: Morumbi; Juiz: José de Assis Aragão; Renda: Cr$ 1 025 929,00; Público: 40 429; Gol: Geraldo 25 do 1.º; Cartão amarelo: Darci e Zé Maria
São Paulo: Valdir Peres, Gilberto, Paranhos, Arlindo, Bezerra, Chicão, Teodoro, Terto, Frasão (Marcos), Sérginho e Zé Sérgio
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo (Darci), Cláudio Mineiro, Givanildo, Palhinha, Basílio (Lance), Vaguinho, Geraldo e Romeu

20/abril/77
CORÌNTIANS 3 X XV DE PIRACICABA 1
Local: Pacaembu; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 232 220,00; Público: 9 158; Gols: Geraldo 14 do 1.º; Armando 2, Palhinha 28 e Geraldo 37 do 2.º
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Givanildo, Palhinha, Vaguinho, Luciano (Edu), Geraldo e Romeu
XV de Piracicaba: Getúlio, Volmil (Ademir), Fernando, Ivã, Almeida, Múri, Perrela, Capitão, Pitanga, Armando e Delém

27/abril/77
CORÌNTIANS 3 X AMÉRICA 0
Local: Pacaembu; Juiz: Jose Luís Guidotti; Renda: Cr$ 362 690,00; Público: 17 437; Gols: Palhinha 28, Luciano (pênalti) 32 e Lance 40 do 2.º
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Givanildo, Palhinha, Vaguinho, Geraldo (Lance), Romeu e Edu (Luciano)
América: Luís Antônio, Paulinho, Dobréu, Jair, Cleto, Nélson Prândi, Arlem, Baiano, Cacau, Luís Fernando e Cândido

8/maio/77
CORÌNTIANS 0 X PALMEIRAS 0
Local: Morumbi; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 2 485 910,00; Público: 91 795; Cartão amarelo: Zé Eduardo e Ricardo
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Givanildo, Luciano, Vaguinho (Edu), Palhinha, Lance (Geraldo) e Romeu
Palmeiras: Leão, Rosemiro, Arouca, Beto Fuscão, Ricardo (Jair Gonçalves), Ivo, Vasconcelos, Ademir da Guia, Edu, Jorge Mendonça (Toninho) e Nei

11/maio/77
CORÌNTIANS 4 X XV DE JAÚ 0
Local: Pacaembu; Juiz: Márcio Campos Sales; Renda: Cr$ 316 970,00; Público: 15 641; Gols: Luciano 10 do 1.º; Geraldo 11 e Palhinha 20 e 45 do 2.º
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Givanildo, Luciano, Vaguinho, Palhinha, Lance (Geraldo) e Romeu (Edu)
XV de Jaú: Valentim, Ivo (Ademir), Estêvão, Marco Antônio, Caíca, Luís Dario, Baiano, Luís Poiâni (Valdomiro), Fernando Pirulito, Sabará e Antônio Carlos

2.º TURNO

22/maio/77
CORÌNTIANS 2 X SÃO BENTO 0
Local: Pacaembu; Juiz: Oscar Scolfaro; Renda: Cr$ 880 630,00; Público: 40 241; Gols: Ruço 20 e Palhinha 37 do 2.º
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Givanildo, Luciano (Ruço), Vaguinho, Geraldo, Palhinha e Romeu (Edu)
São Bento: João Marcos, Carlos Alberto, Clodoaldo, Batata, Nelsinho, Arlindo, Altimar, Toninho, Serelepe, Titica e Gatãozinho (Sérgio Ramos)

25/maio/77
CORÌNTIANS 5 X NOROESTE 1
Local: Pacaembu; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 806 520,00; Público: 36 720; Gols: Geraldo 11, João Carlos I 17 e Luciano 30 do 1.º; Geraldo 5, Palhinha 35 e Geraldo 37 do 2.º; Expulsão: João Carlos I
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés (Vladimir), Zé Eduardo, Cláudio Mineiro, Givanildo, Palhinha, Vaguinho, Luciano (Ruço), Geraldo e Romeu
Noroeste: Ademir, Aluísio, Moacir, Araújo, Albérico, Nélson Borges, Nivaldo, Carbono (João Carlos II), Carlos Roberto, João Carlos I e Rodrigues

29/maio/77
CORÌNTIANS 4 X SANTOS 0
Local: Morumbi; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 3 426 250,00; Público: 117 676; Gols: Luciano 16 e Geraldo 35 do 1.º; Romeu 35 e Palhinha 38 do 2.º
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro ▸▸

ro, Givanildo, Luciano (Ruço), Palhinha, Vaguinho, Geraldo e Romeu
Santos: Ricardo (Wílson), Leo, Marçal, Alfredo, Otávio, Clodoaldo (Juari), Aílton Lira, Nílton Batata, Zé Mario, Totonho e Toinzinho

5/junho/77
XV DE JAÚ 3 X CORÌNTIANS 0
Local: Jaú; Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda: Cr$ 432 490,00; Público: 22 417; Gols: Luís Poiâni 10 do 1.º; Luís Poiâni 17 e Ademir Melo 30 do 2.º; Cartão amarelo: Paulo Moisés
XV de Jaú: Valentim, Galli, Estêvão, Olavo, Caíca, Ivinho, Ademir Melo, Luís Poiâni, Sabará, Valdomiro (Antônio Carlos) e Paulo Moisés (Fernando Pirulito)
Coríntians: Jairo, Cláudio Mineiro, Moisés, Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo, Luciano, Vaguinho (Edu), Palhinha, Geraldo e Romeu

9/junho/77
CORÌNTIANS 2 X BOTAFOGO 0
Local: Pacaembu; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 1 310 560,00; Público: 64 520; Gols: Geraldo 13 e Romeu 41 do 1.º
Coríntians: Jairo, Cláudio Mineiro, Moisés (Ademir), Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo (Ruço), Luciano, Vaguinho, Palhinha, Geraldo e Romeu
Botafogo: Aguilera, Wilson Campos, Nei, Manuel, Zé Maria, Miro, Lorico, Paulo César (Zé Bernardes), Sócrates, Arlindo e Osmarzinho

12/junho/77
GUARANI 2 X CORÌNTIANS 1
Local: Campinas; Juiz: José de Assis Aragão; Renda: Cr$ 526 610,00; Público: 24 642; Gols: Renato 25 e Geraldo 28 do 1.º; Adriano 28 do 2.º; Cartão amarelo: Adriano
Guarani: Neneca, Mauro, Gomes, Édson, Cuca, Manguinha, Zenon, Dedeu, Zé Maria (Adriano), Renato e Ziza (Valdez)
Coríntians: Jairo, Cláudio Mineiro, Moisés (Ademir), Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo, Luciano (Ruço), Vaguinho, Palhinha, Geraldo e Romeu

19/junho/77
PORT. SANTISTA 0 X CORÌNTIANS 1
Local: Vila Belmiro; Juiz: Márcio Campos Sales; Renda: Cr$ 490 360,00; Público: 20 494; Gol: Luciano 8 do 1.º; Cartão amarelo: Givanildo e De Rosis
Port. Santista: Maurinho, Tuca, Lazinho, Oscar, Carpinelli, Jovenil, Miguel, Chiquinho, De Rosis, Gílson e Zé Luís
Coríntians: Jairo, Cláudio Mineiro, Ademir, Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo, Luciano, Vaguinho, Palhinha, Geraldo e Edu

26/junho/77
COMERCIAL 0 X CORÌNTIANS 1
Local: Ribeirão Preto; Juiz: Márcio Campos Sales; Renda: Cr$ 270 630,00; Público: 12 232; Gol: Geraldo 27 do 2.º
Comercial: Lula, Lauro, Leonardo, Leo, Laudemir, Maurício, Carlos Hansen, Jáder, Celso (Luís Alberto), Ziquita e Tim
Coríntians: Jairo, Cláudio Mineiro (Ruço), Ademir, Zé Eduardo (Darci), Vladimir, Givanildo, Luciano, Vaguinho, Palhinha, Geraldo e Edu

2/julho/77
CORÌNTIANS 4 X PAULISTA 0
Local: Pacaembu; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 861 860,00; Público: 38 423; Gols: Geraldo 18, 39 e 40 do 1.º; Palhinha 35 do 2.º; Cartão amarelo: Domingos
Coríntians: Jairo, Cláudio Mineiro, Ademir, Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo (Ruço), Luciano, Vaguinho, Geraldo, Palhinha e Edu (Adãozinho)
Paulista: Édson, Cícero, Marco (Domingos), Válter, Lázaro, Fernando, Mosca (Vágner), Bosco, Lula, Souza e Nascimento

10/julho/77
PORT. DESPORTOS 1 X CORÌNTIANS 0
Local: Morumbi; Juiz: Márcio Campos Sales; Renda: Cr$ 1 296 560,00; Público: 49 070; Gol: Enéias 10 do 2.º; Cartão amarelo: Palhinha, Isidoro e Alexandre Pimenta
Port. Desportos: Moacir, Marinho (Alexandre Pimenta), Mendes, Calegári, Isidoro, Badeco, Eudes, Antônio Carlos, Enéias, Tata e Alcino (Valtinho)
Coríntians: Jairo, Cláudio Mineiro, Ademir, Zé Eduardo, Vladimir, Givanildo (Ruço), Luciano (Basílio), Vaguinho, Palhinha, Geraldo e Romeu

17/julho/77
JUVENTUS 0 X CORÌNTIANS 1
Local: Morumbi; Juiz: José de Assis Aragão; Renda: Cr$ 677 070,00; Público: 27 185; Gol: Vladimir 45 do 2.º; Cartão amarelo: Ivã e Rubens Nicola
Juventus: Miguel, Arnaldo, Polaco, Deodoro, João Carlos, Tião, Elói, Xaxá, Ivã (Tadeu), Serginho (Zé Luís) e Wilsinho
Coríntians: Tobias, Cláudio Mineiro, Moisés, Ademir, Vladimir, Givanildo (Ruço), Luciano, Rubens Nicola, Palhinha, Geraldo e Romeu (Edu)

24/julho/77
PALMEIRAS 4 X CORÌNTIANS 2
Local: Morumbi; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 2 340 980,00; Público: 79 644; Gols: Basílio 1, Jorge Mendonça 9, Ademir (contra) 25 e Toninho 35 do 1.º; Toninho 15 e Rosemiro (contra) 35 do 2.º Cartão amarelo: Nei, Zé Maria e Ademir
Palmeiras: Leão, Rosemiro, Beto Fuscão, Mário Soto, Zeca, Pires, Ademir da Guia, Edu, Jorge Mendonça, Toninho (Jair Gonçalves) e Nei (Ricardo)
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir, Vladimir, Givanildo, Luciano (Ruço), Rubens Nicola, Palhinha, Basílio e Romeu (Edu)

27/julho/77
CORÌNTIANS 1 X MARÍLIA 0
Local: Pacaembu; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 742 630,00; Público: 34 028; Gol: Vaguinho 31 do 2.º
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro, Ruço, Luciano (Lance), Rubens Nicola (Vaguinho), Palhinha, Basílio e Edu
Marília: Álvaro, Augusto, Mariâni, Misael, Pereira, Pedro Omar, Alexandre, Mojica (Robertinho), Nedo, Júlio César (Baianinho) e Ferreira

31/julho/77
AMÉRICA 1 X CORÌNTIANS 2
Local: São José do Rio Preto; Juiz: José de Assis Aragão; Renda: Cr$ 449 170,00; Público: 20 027; Gols: Cacau 1 e Vaguinho 19 do 1.º; Darci (pênalti) 36 do 2.º
América: Zoline, Paulinho, Nélson Prândi, Silvestre, Cleto, Zico, Cacau, Arlem, Luís Fernando, Wilson Luís (Serginho) e Cândido
Coríntians: Tobias, Darci, Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro, Ruço, Adãozinho (Luciano), Vaguinho (Rubens Nicola), Geraldo, Palhinha e Edu

*Coríntians x São Paulo, previsto para 7/agosto/77, foi adiado para 21/agosto/77

10/agosto/77
XV DE PIRACICABA 2 X CORÌNTIANS 3
Local: Piracicaba; Juiz: Márcio Campos Sales; Renda: Cr$ 457 450,00; Público: 19 798; Gols: Vaguinho 10 e 39 do 1.º; Nardela (pênalti) 28, Romeu 41 e Davi 44 do 2.º; Cartão amarelo: Romeu e Palhinha
XV de Piracicaba: Getúlio (Pizelli), Volmil, Fernando, Ivã, Almeida, Pitanga, Perrela, Tuta (Davi), Nardela, Roberto e Zé Ito
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro, Ruço, Basílio, Vaguinho, Geraldo, Palhinha (Luciano) e Romeu

13/agosto/77
CORÌNTIANS 3 X FERROVIÁRIA 1
Local: Pacaembu; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 906 940,00; Público: 39 746; Gols: Basílio 11 e Geraldo 32 do 1.º; Joel 20 e Basílio 28 do 2.º
Coríntians: Tobias, Zé Maria (Darci), Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro (Vladimir), Ruço, Luciano, Vaguinho, Basílio, Geraldo e Romeu
Ferroviária: Sérgio, Mílton (Romero), Mauro, Sérgio Miranda, Carlos, Paulo César, Advílson, Tinteiro, Wilson Carrasco (Joel), Maurício e Zé Rubens

21/agosto/77
CORÌNTIANS 1 X SÃO PAULO 0
Local: Morumbi; Juiz: Roberto Nunes Morgado; Renda: Cr$ 1 927 040,00; Público: 70 094; Gol: Geraldo 40 do 1.º; Cartão amarelo: Nélson, Vaguinho e Adãozinho
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir, Cláudio Mineiro, Luciano, Basílio, Vaguinho, Geraldo, Palhinha (Adãozinho) e Romeu
São Paulo: Valdir Peres, Nélson, Jaime, Arlindo, Gilberto, Chicão, Tecão, Terto (Marcos), Mickey, Müller e Zé Sérgio

25/agosto/77
CORÌNTIANS 1 X PONTE PRETA 2
Local: Pacaembu; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 1 365 530,00; Público: 67 543; Gols: Parraga 29 e Vanderlei 43 do 1.º; Basílio 20 do 2.º; Cartão amarelo: Zé Eduardo e Moisés
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Cláudio Mineiro (Vladimir), Luciano (Adãozinho), Basílio, Vaguinho, Geraldo, Palhinha e Romeu
Ponte Preta: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi, Odirlei, Vanderlei, Marco Aurélio, Lúcio, Rui Rei, Dicá e Parraga (Wilsinho)

QUADRANGULAR DECISIVO
28/agosto/77
CORÌNTIANS 1 X SÃO PAULO 1
Local: Morumbi; Juiz: José de Assis Aragão; Renda: Cr$ 2 127 170,00; Público: 72 347; Gols: Geraldo 9 do 1.º e Serginho 14 do 2.º; Cartão amarelo: Bezerra, Arlindo, Adãozinho, Palhinha e Tecão; Expulsão: Lance e Tecão 5 na prorrogação
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Vladimir, Luciano, Adãozinho, Luciano, (Edu), Geraldo (Lance), Palhinha e Romeu
São Paulo: Valdir Peres, Gilberto, Jaime (Tecão), Arlindo, Bezerra, Chicão, Teodoro, Müller (Terto), Pedro Rocha, Serginho e Zé Sérgio
*Na prorrogação de 30 min, conforme determina o regulamento em caso de empate no tempo normal, Luciano marcou aos 12 do 1.º e deu a vitória ao Coríntians

31/agosto/77
CORÌNTIANS 1 X PALMEIRAS 0
Local: Morumbi; Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda: Cr$ 3 686 990,00; Público: 98 059; Gol: Geraldo 26 do 2.º
Coríntians: Tobias, Zé Maria, *Moisés*, Zé Eduardo, Vladimir, *Luciano*, Palhinha, Adãozinho, *Vaguinho*, *Geraldo* e Romeu
Palmeiras: Leão, Rosemiro, Beto Fuscão, Mário Soto, Zeca, Ivo, Vasconcelos, Jorge Mendonça, Edu, Toninho e Macedo (Picolé)
*Com esta vitória, o Coríntians foi o vencedor do 2.º turno e conquistou a Taça Governador do Estado

3.º TURNO
4/setembro/77
SANTOS 2 X CORÌNTIANS 2
Local: Morumbi; Juiz: Oscar Scolfaro; Renda: Cr$ 2 299 740,00; Público: 77 273; Gols: Bianchi 8, Aílton Lira 32, Romeu 36 e Adãozinho 42 do 1.º; Cartão amarelo: Fernando
Santos: Ernâni, Fausto, Marçal, Alfredo, Fernando, Bianchi, Aílton Lira, Nilton Batata, Zé Mário, Juari (Célio) e Flávio (Carlos Roberto)
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo (Ademir), Vladimir, Luciano, Adãozinho (Edu), Vaguinho, Palhinha, Geraldo e Romeu

11/setembro/77
CORÌNTIANS 0 X PONTE PRETA 1
Local: Morumbi; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia Renda: Cr$ 1 788 000,00; Público: 59 623; Gol: Rui Rei 10 do 2.º
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir, Vladimir, Luciano, Adãozinho (Basílio), Vaguinho (Edu), Geraldo, Palhinha e Romeu
Ponte Preta: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi, Odirlei, Vanderlei, Dicá, Marco Aurélio, Lúcio, Rui e Tuta

18/setembro/77
PALMEIRAS 0 X CORÌNTIANS 2
Local: Morumbi; Juiz: Oscar Scolfaro; Renda: Cr$ 1 342 710,00; Público: 44 961; Gols: Zé Maria (pênalti) 27 do 1.º e Vaguinho 23 do 2.º; Expulsão: Jorge Mendonça e Zé Eduardo; Cartão amarelo: Beto Fuscão e Vaguinho
Palmeiras: Leão, Valdir (Vasconcelos), Jair Gonçalves, Beto Fuscão, Ricardo, Pires, Ademir da Guia (Picolé), Ivo, Toninho, Jorge Mendonça e Nei
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo e Vladimir, Ruço, Basílio, Vaguinho, Palhinha, Geraldo e Romeu

21/setembro/77
CORÌNTIANS 0 X GUARANI 1
Local: Pacaembu; Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda Cr$ 1 036 180,00; Público: 40 049; Gol: Ziza 20 do 2.º
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Cláudio Mineiro, Vladimir, Ruço, Basílio, Vaguinho, Palhinha, Geraldo (Lance) e Romeu (Edu)
Guarani: Neneca, Mauro, Amaral, Édson, Beto, Manguinha, Zenon, Miranda, Renato, Adriano e Ziza (Dedeu)

25/setembro/77
BOTAFOGO 0 X CORÌNTIANS 1
Local: Ribeirão Preto; Juiz: Oscar Scolfaro; Renda: Cr$ 824 780,00; Público: 29 326; Gol: Romeu 17 do 2.º; Cartão amarelo: Wilson Campos, Manuel e Geraldo
Botafogo: Leoneti, Wilson Campos (Zé Maria), Nei, Tonhão, Manuel, Mário, Osmarzinho, Zé Mário, Sócrates, Marciano e Zito (João Carlos Motoca)
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Vladimir, Ruço, Basílio, Vaguinho, Geraldo, Palhinha e Romeu

29/setembro/77
CORÌNTIANS 1 X PORT. DESPORTOS 0
Local: Morumbi; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 1 230 450,00; Público: 35 223; *Gol: Geraldo 22 do 2.º*
Coríntians: Tobias, Zé Maria, *Moisés, Ademir*, Vladimir, Ruço, *Basílio (Lance)*, Vaguinho (Adãozinho), *Geraldo*, Palhinha e Romeu
Port. Desportos: Moacir, Marinho, Mendes, Beto *Lima*, Isidoro, Ademir, Eudes, *Valtinho*, Tata (Julinho), Enéias e *Alcino*

2/outubro/77
SÃO PAULO 1 X CORÌNTIANS 2
Local: Morumbi; Juiz: Oscar Scolfaro; Renda: Cr$ 3 762 760,00; Público: 105 435; Gols: Geraldo 42 do 1.º; Romeu 8 e Serginho 32 do 2.º; Cartão amarelo: Tobias, Vaguinho, Romeu, Pedro Rocha, Serginho e Chicão
São Paulo: Toinho, Nélson, Eduardo, Bezerra, Gilberto, Chicão, Teodoro (Viana), Pedro Rocha (Terto), Perez, Serginho e Zé Sérgio
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Vladimir (Cláudio Mineiro), Ruço, Basílio (Adãozinho), Palhinha, Vaguinho, Geraldo e Romeu
*Assim, o Coríntians foi o primeiro colocado em seu grupo (F) e classificou-se para decidir o título numa série decisiva melhor-de-três-jogos ou melhor-de-4-pontos com a Ponte Preta, vencedora do outro grupo (E)

SÉRIE DECISIVA
1.º JOGO
5/outubro/77
CORÌNTIANS 1 X PONTE PRETA 0
Local: Morumbi; Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilia; Renda: Cr$ 2 628 890,00; Público: 65 806; Gol: Palhinha 14 do 1.º
Coríntians: Tobias, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Vladimir, Ruço, Luciano, Basílio, Palhinha, Geraldo e Adãozinho (Lance)
Ponte Preta: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi, Odirlei, Vanderlei, Marco Aurélio, Lúcio, Dicá, Rui Rei e Tuta

2.º JOGO
9/outubro/77
CORÌNTIANS 1 X PONTE PRETA 2
Local: Morumbi; Juiz: Romualdo Arppi Filho; Renda: Cr$ 4 239 010,00; Público: 138 032; Gols: Vaguinho 42 do 1.º; Dicá 22 e Rui Rei 38 do 2.º; Expulsão: Adãozinho
Coríntians: Jairo, Zé Maria, Moisés, Zé Eduardo, Vladimir, Ruço, Luciano (Adãozinho), Romeu, Basílio, Palhinha (Vaguinho) e Geraldo
Ponte Preta: Carlos, Jair, Oscar, Polozzi, Odirlei, Vanderlei, Marco Aurélio, Dicá, Lúcio, Rui Rei (Helinho) e Tuta (Parraga).

Os campeões de 1954: Gilmar, Rafael, Goiano, Homero, Idário, Alan, Nonô, Roberto, Simão, Luisinho, Cláudio. E Brandão.

A HISTÓRIA DO MUNDO, SEGUNDO O CORÍNTIANS

Foram 23 anos. E poderiam ser outros mais, que nem assim se renderia o fiel torcedor ao desânimo. Afinal, quem soube suportar tantas inomináveis provações, sempre aguardando o próximo jogo para dar a volta por cima, tem a virtude maior da esperança.

Sem dúvida, houve momentos em que só restava a esperança, para aplacar a tristeza da torcida. Como aconteceu em 61: Vadi Helu importou meio time juvenil do Flamengo e, pasmem, botou-o para jogar com a gloriosa jaqueta alvinegra. E lá se foram Beirute, Adílson, Manuelzinho, Espanhol e Ferreira, batendo cabeça por esses campos afora, acumulando fracasso atrás de fracasso. Os inimigos, com esse prato cheio, não perdoaram: o time ficou celebrizado como *Faz-me rir*, por sinal grande sucesso musical na voz de Edith Veiga.

Um ano antes, o sempre crédulo Vicente Matheus desembolsava oito milhões de cruzeiros e fechava a maior transação do futebol brasileiro, na época, para trazer Almir de Albuquerque. O que parecia ser solução virou impasse: os jogadores boicotaram o novo companheiro, que veio ganhando um salário bem maior. E nem faziam questão de esconder o jogo. Certo dia, Luisinho estende um passe longo para Almir, que sai em desabalada carreira, sem conseguir alcançar a bola. O Pernambuquinho chia:

— Vê se capricha, ô . . .

Luisinho, irônico:

— *Cê* ganha o dobro. Tem que correr o dobro . . .

E em 65? O time vinha bem, com a dupla Flávio-Aírton infernizando as defesas adversárias. Pintou uma partida fácil, dentro do Parque, contra um Noroeste desmilingüido. Ao final dos 90 minutos, a torcida não acreditava: no placar, 4 a 3 para o Noroeste, com quatro frangos de Heitor, um carioca que, desse dia em diante, não pôde mais viver em sossego. Que, para a torcida, Heitor estava na gaveta.

Em 67, a história se repete, desta vez na Taça de Prata, prévia do atual Brasileiro. Zezé Moreira tinha acertado o time, que foi para a semifinal contra o Palmeiras. Nessa tarde, Morumbi lotado, Tupãzinho fez dois gols iguais. Foram dois gols de falta, batidas do mesmo lugar e no mesmo toque, entrando ambas no mesmo canto direito. O goleiro era Barbosinha, o Negro Gato, que fechara o gol por toda a tempo- ▸

rada, e entregava, sem mais aquela, todo o ouro ao bandido. Ninguém tem dúvidas de que Barbosinha estava, igualmente, numa escandalosa gaveta.

Como essas, centenas de histórias que o torcedor mais antigo lembra com raiva. Mas que, nesta altura do campeonato e das comemorações, valem a pena como divertidas lembranças, para ilustrar a importância desse título.

O mundo também evoluiu nestes 23 anos, tempo hábil para se viver e se morrer, caso de Alfredo Inácio Trindade, o homem do charuto, o presidente que tudo podia e tudo fazia, aquele que deu o título de 1994, o IV Centenário. Bem que Trindade gostaria de morrer num jogo decisivo, como este contra a Ponte, mas os cartolas, nesta longa estiagem, jamais se entenderam. E Trindade morreu no auge de uma campanha eleitoral pela presidência do clube.

De Trindade a Mateus. Mostram as evidências que o estilo é o homem, e ambos nada têm em comum. A ingenuidade de Mateus, correspondia a vivacidade de Trindade, que sabia o exato instante de dar o bote, abrir a boca, conquistar o objetivo. Certa vez, momentos antes de uma partida importante, invadiu o vestiário e chamou o capitão Cláudio, o *Gerente*. Cochichou ao seu ouvido, grave:

— Fiquei ciente de que temos um dos nossos na gaveta. Você tem que descobrir quem é.

Cláudio, que também não era de meias palavras, esperou o presidente se retirar. E largou o verbo, em cima dos companheiros reunidos:

— O homem veio me dizer que tem alguém na gaveta. Eu sei que não deve ser verdade, mas precisamos dar o sangue para provar que somos um time de homens decentes. Vamos sair de campo só com a vitória.

Foi assim que, depois de uma brilhante campanha de 26 partidas — onde se contam 18 vitórias, 6 empates e apenas duas derrotas contra o indefectível Santos — o Coríntians se sagrou campeão do IV Centenário.

Aconteceu no penúltimo jogo, ao empatar em 1 a 1, num ensolarado 6 de fevereiro de 1955. Uma semana antes, Jânio Quadros tomara posse como governador dos paulistas. Nesse mesmo dia, Richard Nixon, então vice-presidente dos americanos, passeava pelas ruas de Havana, tranqüilamente escoltado por Fulgêncio Batista — enquanto Fidel fazia sua guerrilha na Sierra Maestra. Chu En Lai, na longínqua China, declarava ao mundo que seu país não tinha o propósito de ingressar na ONU. Em Belo Horizonte, o PSD, Partido Social Democrático, lançava oficialmente a candidatura de Juscelino Kubitschek à presidência da República.

Mudou o mundo ou mudou o Natal? O mais certo será dizer que ambos mudaram, incluindo-se aí o magnetismo do Coríntians, que é um exemplo singular na história do futebol brasileiro. O Santos, por

ABRIL PRESS

O Palmeiras entrou de camisa azul, e deu azar, na bola e no placar. O Coríntians entrou com o coração, e logo no início do jogo, Luisinho iniciava a celebração. Na foto acima, Baltazar ergue nos seus braços o herói do gol, enquanto a defesa inimiga se entrega a lamentações. Nas arquibancadas, a galera festeja a conquista, bandeira na mão, riso fácil, alegria estampada no rosto. Anos mais tarde, pesadelo já começando, Juscelino percorria o país de norte a sul, rumo a Brasília, rumo ao desenvolvimento. E o Coríntians, lamentavelmente, entrava numa amarga fila de títulos e de campeonatos.

AE

ABRIL PRESS

exemplo, teve seu primeiro título em 1935, e só foi repetir a façanha 20 anos mais tarde. O Vasco cruzou toda a década de 60 e completou 12 anos de jejum, até ser campeão em 70. Em Pernambuco, o Sport, time do povão, sofreu igual pesadelo. Mas nenhuma dessas equipes teve, a acompanhá-la, o grito sempre renovado de sua torcida. Que, em verdade, a galera do Santos só aumentou em função de Pelé; a massa do Vascão ressuscitou agora, com as arrancadas de Roberto Dinamite. E foi preciso Dario, para dar novo ânimo aos geraldinos do Sport. Em todo esse contexto, a torcida corintiana sempre veio aumentando, engrossando, como se a falta de títulos fosse mesmo o pretexto para essas adesões.

Não será ousada dizer, além disso, que o Coríntians é único, no mundo inteiro. Na Argentina, o River ficou 18 anos na fila, mas nem por isso a *hinchada* do Boca Juniors se assustou — e eis o Boca, novamente, mandando no futebol portenho. Na Itália, o Torino desencantou depois de um quarto de século, mas *La Juve*, a Juventus de Turim, continua predominando. Não tem outra: no mundo inteiro, só dá Coríntians, a mostrar que o povo tem verdades que estão além de qualquer vã filosofia.

Luisinho, Pequeno Polegar, aquele que deixou o beque Luis Vila sentado, só com uma ginga de corpo. Luisinho, aquele que vingou a Copa perdida para o Uruguai, indo lá em Montevidéu e puxando briga com o touro Obdulio Varela, *El Negro*. Luisinho, aquele que vestiu a camisa 8 por quase 20 anos, sendo o recordista de jogos disputados pelo Coríntians: 600 vezes. Pois Luisinho virou lenda em vida, porque fez o gol do IV Centenário.

Eram dez minutos de partida, e o Coríntians, jogando pelo empate, atacava a favor do vento. Rafael se deslocou pela direita, alçou o cruzamento. O minúsculo Luisinho subiu, foi lá em cima e testou. Laércio nem viu a bola entrar. Dizem, os que viram a partida, que o Pequeno Polegar subiu quase um metro, assim se antecipando ao bloqueio de Valdemar Fiume.

Gente boa, a daquele time de Brandão. No gol, uma briga boa entre Cabeção e Gilmar, ambos de se-

ABRIL PRESS
MANOEL MOTTA

atravessando seis ou sete anos de ausência, até ressuscitar nas mãos do paizão Oswaldo Brandão, esse sim, um técnico capaz de fazer cachorro falar. Pelo menos, seus amigos não duvidam disso.

Em 1957, algo de muito sério começava a acontecer. Com um bip-bip que abalou o mundo, os soviéticos colocaram o primeiro satélite artificial em órbita da Terra. Cá em baixo, sem que o mundo ainda tomasse conhecimento, um garoto chamado Pelé iniciava uma imortal carreira de futebolista. E, com isso, a história do Coríntians seria profundamente alterada.

Foi assim: a duas rodadas do final do campeonato, com dois pontos à frente do segundo colocado, o Coríntians desceu a serra e, pela primeira vez, defrontou-se com o homem da camisa 10. Coincidência ou não, o Santos ganhou de 1 a 0. Pelé foi expulso, mas, no domingo seguinte, o São Paulo faturava o título, batendo o Coríntians de 3 a 1.

Apesar de tudo, o alvinegro deu uma grande alegria à sua torcida, conquistando a Taça dos Invictos, depois de 26 jogos sem derrota. A façanha foi celebrada com o mesmo delírio dos dias de hoje, porque, com o Coríntians, tudo tem contornos dramáticos. No jogo decisivo para roubar o troféu ao Santos — até então detentor da Taça — os corintianos perdiam por 3 a 2, do próprio Santos. A um minuto do final, o centroavante Paulo, que entrara improvisado de lateral-direito, apanhou uma sobra da defesa santista e não perdoou: empatou e fez a festa da torcida, no minuto final.

Em 1958, começou o pesadelo. Ninguém ligou muito para o fato, mas no dia 27 de março, pelo Torneio Rio—São Paulo, o Coríntians vencia ao Santos por 2 a 1. Seria sua única e solitária vitória no decurso de 11 anos. As atenções nacionais, nesse ano, se voltaram para a conquista da Copa do Mundo, na Suécia, com o mundo se curvando diante de Pelé e Garrincha. Certo, o Santos foi campeão, mas o Coríntians tinha Gilmar e Oreco para incensar, heróis que foram da campanha do escrete. Certo, o Santos enfiou 6 a 1 no Coríntians, mas a torcida nem se importou, pois humilhante, mesmo, era ser goleado por Palmeiras ou São Paulo, os outros dois componentes do trio de ferro do futebol paulista. Nesse ano, Oswaldo Brandão já estava em outra, o time de 54 se desfizera em pó e Cláudio, o *Gerente*, era o técnico, inaugurando uma relação que seria tão extensa quanto os anos de vacas magras. Bastou fracassar para cair, juntamente com o presidente Alfredo Inácio Trindade. Foi o fim de uma época, marcada principalmente por duas verdades fundamentais: o amor ao time e o ódio a inimigos tradicionais. Muito a propósito, conta-se que Trindade foi procurar Athié, presidente do Santos, três dias antes da decisão contra o São Paulo. Athié desconfiado, Trindade dando o serviço:

— O Hélvio está conversado pelo ▸▸

FERNANDO PIMENTEL

Fotos que mudaram o mundo. Acima, da esq. para a dir. Paulo Borges e Flávio, esperanças de 68; Sputnik I, o satélite que abriu a conquista do cosmos; Éder Jofre, rei dos galos. Ao lado, esq., Almir, milionário contratado de Mateus, em 59; à dir., Garrincha, nos idos de 66, enfrenta Zito e acompanha Rivelino. Abaixo, da esq., para a dir., João Goulart, presidente deposto, deixa o país em 1964; o homem desce na Lua, em 69; Iuri Gagarin, sorrindo, conta que a Terra é azul, em 1961.

D.A.

FOTO NASA
PARIS MATCH

leção. Na linha de zaga, Homero, Olavo — ou Alan, Idário e Goiano, um quarteto que batia bem, não amaciava, chegava junto. O meio campo podia não ser o melhor da cidade, mas sabia tratar a bola com carinho: Roberto fazendo a ligação, Luisinho armando, driblando. Cláudio, o *Gerente*, voltava para auxiliar, era já um polivalente dos bons. E o ataque? Arrasador, voluntarioso e combativo, com Simão pela esquerda, Rafael como ponta-de-lança e o heróico Baltazar de centroavante.

Para resumir a nostalgia dos mais velhos, que viram, neste campeão de 77, as mesmas qualidades, o Coríntians 54 era todo amor à camisa. Era desses times que não entram, é certo, numa enciclopédia do futebol. Mas, por outro lado, jamais saem do coração do torcedor, o que sabe das coisas.

No ano seguinte, iniciou-se a era do Santos. Bem que o Coríntians podia faturar, mas não é de hoje que seus piores defeitos aparecem. Perdendo pontos impossíveis nos compromissos no interior, o Coríntians deixou escapar um bi praticamente certo. Beliscou um vice, mas quem é segundo não é nada. Em 1956, caiu para terceiro, e um baiano deu muitas alegrias à fiel. Seu nome era Zague, um centroavante desengonçado, rápido como uma flecha e pobre de raciocínio. Sua estréia foi como tantas que se sucederam, uma estréia que incendiou a torcida, enchendo-a de esperanças que, depois, foram morrendo, morrendo, morrendo. Zague estreou contra o Santos, lá na Vila Belmiro. O Coríntians goleou de 4 a 0 e Zague marcou os dois primeiros gols, de forma sensacional, na primeira fase. Muitas outras vezes ele jogou, até ser vendido para o México, mas jamais conseguiu repetir sua performance da primeira vez. Coisas que só acontecem com o Coríntians, asseguram os torcedores mais convictos. E os exemplos não faltam. Aí estão Paulo Borges, aquele que derrubou o tabu, Garrincha, Sílvio — que foi comprado à Portuguesa e fez dois gols na estréia e nunca mais fez nada . . . E temos Adãozinho, que pulverizou a defesa palmeirense, numa histórica virada corintiana, placar de 4 a 3, o juvenil Adãozinho marcando um gol desde a intermediária, metendo na última gaveta. E, depois disso,

Rivelino contra Pelé, batalha inglória, o Rei *vencedor*, o Reizinho vencido. Ambos, lado a lado, fazendo o povo *explodir*, *nas ruas*, na Copa de 70. Abaixo, a tragédia de 74: Ronaldo começa a *silenciar* o Morumbi. E vejam a alegria de Emerson corintiano!

ABRIL PRESS

AMILTON VIEIRA

ZEKA ARAUJO

São Paulo, não deixa ele jogar, Athié.

— E como é que eu vou acreditar nessa história?

Trindade, simplório:

— Quem avisa, amigo é.

Trindade era cartola à antiga, tinha alguns cacoetes incorrigíveis. Como o ódio ao São Paulo.

Aviso feito, veio a decisão. Sem Hélvio no time — afastado à última hora, por misteriosa contusão — o Santos do Zito e Pelé ganhou o campeonato em cima do São Paulo. E Trindade ficou contente.

Vicente Mateus elegeu-se presidente e só deu vexame. Jamais, em toda a sua história, o Corintians esteve tão por baixo e defendido por um time tão ruim. No curto espaço de dois anos — de 59 a 61 — quatro técnicos dividiram a supervisão do time, a saber: Sílvio Pirilo, Alfredo Ramos — o *Polvo*, Jim Lopes e João Lima. Também nesse curto espaço de tempo, jogadores e enganadores se misturavam no elenco, entrando e saindo do time com uma indiferença incompatível com uma camisa que exige, acima de tudo, suor e raça. Os nomes se sucediam: Joãozinho, Miranda, Boca, Higino, Cláudio, Joaquinzinho, Egídio, Jâime, Sidnei, Da Silva, Gonçalves, Benedito, Evani, Raul . . . Alguém se lembra dessas tristes figuras, que só uma gestão medíocre poderia admitir? Em meio a tantos cabeças-de-bagre, surgiu Almir, contratado a peso de ouro e escorraçado do Parque São Jorge a toque de caixa. A primeira presidência de Vicente Mateus foi realmente lamentável. A equipe ia a Vila Belmiro como quem vai para o patíbulo. Antes mesmo da partida, a humilhação tinha início: os alto falantes do estádio transmitiam a canção *Faz-me Rir*, enquanto Nicolau Moran, diretor de futebol do Santos, dava entrevistas cantando a vitória e ironizando o adversário, bicho certo para os seus comandados.

Os anos se passavam, a torcida insistia em sua fé e o mundo mudava. Assim, enquanto o torcedor via Almir e Luisinho se desentendendo no gramado, o Brasil, orgulhoso, testemunhava a inauguração de Brasília. Um ano mais tarde, em 1961, as mudanças revolucionaram o Corintians e o mundo. Mateus caiu, Vadi Helu subiu; Jânio Quadros subiu, caiu sete meses depois; Iuri Gagarin subiu, deu voltas em

FERNANDO PIMENTEL

E o sertão virou mar: de repente, o Rio foi invadido por 70 mil torcedores, que proporcionaram a mais comovente demonstração de fidelidade a uma causa. Foram eles que, no puro grito, levaram o time à vitória, na raça, na lama, no pênalti, no milagre. E Ipanema, domingo, amanheceu alvinegra. Uma semana depois, a fiel mudava a rota, e descia pelas bandas do sul, agitando, alegrando, delirando, enchendo os olhos do Brasil. No Beira-Rio, em 76, o povo perdeu. Mas o povo soube dar a volta por cima.

ABRIL PRESS

ABRIL PRESS

torno da Terra, desceu e virou herói universal; Éder Jofre subiu no ringue, e lá ficou, como campeão absoluto dos galos. Moral da história: Gilmar, farto de ver triunfar as nulidades no seu time, pediu arrego, e foi negociado com o Santos.

Pelé, nesta altura da vida, não estava sozinho, como algoz do Coríntians. Pois, ali no Palmeiras, começava a nascer, à sombra de Zequinha e Chinesinho, uma dupla que atormentou o destino do alvinegro: Dudu, com a 5, Ademir da Guia, com a 10, vieram formar um meio campo que ajudou a bloquear qualquer pretensão que o Coríntians tivesse, em matéria de título. Vadi Helu, hábil político, sempre afirmou que sua gestão teve três pedras no caminho. Por isso, em seus 11 anos de presidência, não conseguiu dar um título à torcida.

Foram muitos equívocos se acumulando. A certa altura, isso pelo ano de 62, formou-se uma dupla de área que ficou celebrizada não pelo seu futebol — embora ambos fossem craques. Nei e Silva fizeram fama formando o grupo do fumacê, que não cultivava a disciplina nem o preparo físico, trocando qualquer bola por uma boa diversão. E as ilusões da torcida iam se esfumaçando, na proporção inversa em que o Santos se impunha como campeão mundial.

Em 22 de novembro de 1963, John Kennedy tombava assassinado em Dallas. E o Coríntians continuava pagando seus pecados, trocando de técnico e de sonhos. Hoje, Paulo Amaral, amanhã Roberto Belangero.

Em 1964, dez anos depois da última conquista, quis a superstição de cartolas que voltasse Brandão ao Parque, ele que, orientando o Botafogo de Ribeirão Preto, acabava de sofrer a maior derrota de toda a sua carreira, perdendo para o Santos por 11 a 0. Nessa noite, Pelé fez oito gols.

Brandão voltou ao Parque. Mas o Santos estava impossível, e não perdoou: dias após a posse do novo técnico, Pelé e seus amigos derrotaram o Coríntians por 7 a 4. E mais uma vez o sonho era adiado.

A rigor, 65 não foi um bom ano para ninguém. O país passava por virtuais reformas políticas e econômicas, instituindo-se o cruzeiro novo, abolindo-se os velhos partidos, ar- ▶

rochando-se os salários. E o Coríntians, mesmo com Brandão, prosseguia sua sina, embora alguns indícios de mudança começassem a surgir. No time, estava Flávio, trombando, errando, caindo, fazendo gol. Estava Dino Sani, dono da 5, parando o jogo, acalmando a galera, formando o meio campo com um garoto recém-promovido dos juvenis. Seu nome: Roberto Rivelino. Mas o Santos e o Palmeiras estavam lá, mandando na parada. E o povo, como sempre, esperando a vez.

Em 1966, o grande personagem foi Nelson Filpo Nuñez, que não hesitou em declarar:

— Pelas minhas veias, corre sangue alvinegro.

Pura balela. Que, por sinal, iria se repetir dez anos depois, quando o *Bandoneón* estraçalhou a equipe, indispondo-se com todos os atletas. Ano melhor foi 67, com Zezé Moreira, que montou um esquadrão mas não conseguiu chegar lá. E Zezé largou o cargo reclamando:

— O Coríntians precisa é de um psicólogo.

Seu sucessor não era psicólogo, mas conhecia as manhas. Na primeira reunião com a diretoria, Vadi Helu à cabeceira, o esperto Lula, que esfrutou todo o fastígio do Santos, abriu o jogo:

— Preciso de uma verba reservada.

— Pra quê?

— Pra acertar, presidente. Ou o senhor não sabe que partida se ganha em cima do juiz?

Dizem que Vadi se indignou, recusou e quase destituiu Lula ali mesmo. O gordo ficou, quebrou o tabu mas ficou nisso. Para conseguir isso, o clube gastou 2 milhões, comprando Paulo Borges e Buião de uma só tacada, ambos pontas-direitas. A vitória, por 2 a 0, aconteceu numa noite de quarta-feira, dia 6 de março. No primeiro tempo, Paulo Borges, da intermediária, acertou no ângulo; no segundo tempo, Flávio, quase de virada, da marca do pênalti, arrematou. O carnaval — e a fiel torcida iria improvisar carnavais mesmo sem título, a partir desse dia — tomou conta da avenida, madrugada adentro.

Foi um ano terrível, esse de 68. Guerra do Vietnã, distúrbios na França, fechamento do Congresso Nacional, implantação do Ato Institucional n.º 5.

O corintiano esfregava as mãos, pois uma nova formação prometia demais. Lidu, um novo Idário na lateral; Eduardo, um ponta arisco, lembrando Mário; na área, Ditão e Luís Carlos; no meio campo, Dirceu Alves e Suingue, escoltando Rivelino. Quando tudo prometia, aconteceu a tragédia: num desastre de carro, na Marginal do Tietê, Lidu e Eduardo morriam. E morriam, com eles, as esperanças de um título, pois o Palmeiras — implacável até na desgraça do adversário — vetou uma decisão aprovada pelos outros clubes, permitindo que o Coríntians contratasse substitutos para os dois jogadores mortos.

Nélson Rodrigues, apocalíptico, vinha bradando há muito tempo que o Coríntians era um cemitério de craques, por culpa de sua neurótica torcida. Mas, acima disso, havia o imponderável, sempre a tumultuar o caminho do time. Pois não é que, nesse mesmo ano de 69, lá no Mineirão, o Coríntians deixou escapar o título de campeão do Brasil? E jogou bem, apenas perdendo para o Cruzeiro porque o juiz anulou um gol legítimo de Benê que, além disso, perdeu um gol incrível, no final da partida. Em 1972, isso se repetiria, dentro do Maracanã, com o juiz Sebastião Rufino dando uma incrível aula de parcialidade, quase que obrigando o Botafogo a vencer de 2 a 1.

Coisas do futebol. Ou melhor, coisas misteriosas desse futebol manobrado pelos cartolas, onde o povo jamais tem vez ou possibilidade.

Em 1970, Copa do Mundo no México, corrente pra frente e nova decepção. Dino Sani era o técnico, caindo de maduro ao fim da temporada. Em 1971, montou-se um ambicioso Esquema 71, à moda de Comissão Técnica, promovendo-se novos valores, garantindo-se a renovação. E ela começou por cima, com a queda de Vadi e a ascensão de Miguel Martinez.

No início de 73, o carnaval tomou conta da cidade, quando o Coríntians, derrotando o Palmeiras, conquistava a Taça Laudo Natel, seu único título de relativa importância nestas duas décadas de total abstinência. No campeonato de verdade, outro fracasso, a ponto de o Pai Edu, trazido do Recife para fazer um trabalho, comentar:

— Isto aqui está cheio de maus espíritos. E veio 73. E veio 74, quando, depois de muitos e muitos anos, o Coríntians partia para uma decisão. Campeão do primeiro turno, ele entrava para decidir numa melhor de três, contra o Palmeiras de Oswaldo Brandão. Na primeira, noite de Pacaembu, Edu, fulminante, inaugurava o placar, e a torcida gelava. Mas, dois minutos depois, Lance subia mais alto e empatava.

No domingo, o Morumbi era inteiramente corintiano. Muitos fogos, muita festa, o jogo começa. Rivelino lá atrás, jogando de quinto-zagueiro, o Palmeiras mandando no jogo, ditando a cadência. O alvinegro parecia frio, frio demais para quem está decidindo um título histórico. Na fase final, Ronaldo fez o gol que silenciou o Morumbi. De nada valeu o zagueirão Luís Pereira afirmar, desconsolado, que gostaria de ser derrotado naquela partida, pela primeira e única vez em sua carreira. Mas foi o Coríntians que entregou o jogo. E Rivelino foi embora.

Nesse episódio, o Coríntians aprendeu muito. Escaldada, sua torcida se retraiu, buscou o jogo retrancado, *silenciou* por uns tempos. Mas voltou, fantasticamente numerosa e maciça, no ano passado, ano de bicentenário americano e de uma autêntica crise social no país. Sim, porque como uma bola de neve que rola montanha abaixo, a torcida corintiana foi se erguendo, se mobilizando e tomando os estádios de assalto. E o Brasil inteiro torceu pelo Coríntians, à exceção da galera colorada. O Coríntians perdeu, por causa de um bandeirinha que viu um gol impossível de ser visto a olho nu. Luís Carlos Felix, o carrasco, acertou no lance, mas errou contra todo um povo. Paciente, o Coríntians soube dar a volta por cima. E, menos de um ano depois, chegava na marca, com Tobias e Jairo no gol, Zé Maria, Cláudio e Vladimir pelas laterais, Moisés, Zé Eduardo e Ademir pelo miolo de área, Ruço, Luciano, Basílio, Adão e Givanildo no meio campo, Vaguinho, Nicola, Romeu e Edu pelas pontas, Geraldo, Palhinha e Lance na frente. No comando, o paizão Oswaldo Brandão. Nas arquibancadas, a torcida maior do mundo. E, uma semana após o definitivo adeus de Pelé, o Coríntians se sagrava campeão paulista.

Pelé, em Nova York, mandou dizer que torceu pelo Coríntians. Mesmo porque uma mágoa ele guarda, em sua carreira de futebolista perfeito: jamais conseguiu ver o Coríntians campeão, como jogador.

Celso Kinjô

JOSÉ PINTO

Quarta-feira, time improvisado, vitória na raça e no amor: 1 a 0

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA
Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa
Diretor de Publicações Masculinas: Oswaldo de Almeida Filho

REDAÇÃO

Diretor: Jairo Régis
Redator chefe: João Rath
Editor de texto: Celso Kinjô
Editor de Automobilismo: Lemyr Martins
Chefe de Reportagem: José Carlos Kfouri
Redatores e Repórteres: José Maria de Aquino, Marco Aurélio Guimarães, Mauricio Cardoso, Luiz Antônio Nascimento, João Areosa, Carlos Alberto Noronha, Carlos Queiroz
Fotógrafos: Manoel Motta, Ronaldo Kotscho, José Pinto
Arte: Afonso Luiz Grandjean Pinto (chefe), Nelson Alves, Sérgio Prado Martins, Walter Mazzuchelli, José Nogueira Ohi, Geraldo Barros (texto)
Secretário de Produção: Jurandir Xavier Chamusca
Arquivo: Pedro Álvares Cabral
Colaborador: Mauro Pinheiro

Escritórios Regionais
Rio: Nélson Silva (coordenador geral), Aristélio Andrade (chefe de redação), Luís A. Chabassus, Oscar Mauricio L. Azêdo e Raul Quadros (repórteres), Ignácio Vicente Ferreira, Rodolpho Machado (fotógrafos); **Brasília:** Pompeu de Souza (diretor), D'Alembert Jaccoud (chefe de redação); **Belo Horizonte:** Carlos Lindemberg Spinola (chefe de redação), Célio Apolinário (fotógrafo), Sérgio A. Carvalho (repórter); **Porto Alegre:** Luís Cláudio Cunha (chefe de redação), Divino Fonseca (repórter), J. B. Scalco (fotógrafo); **Recife:** José Maria Andrade (chefe de redação), Lenivaldo Aragão (repórter); Silvio Ferreira (fotógrafo); **Salvador:** Carlos Libório (chefe de redação), Carlos Otávio Battesti, Paolo Marconi (repórteres), Antônio Andrade (fotógrafo); **Curitiba:** Hélio Teixeira (chefe de redação), Milton Ivan Heller (repórter), Amílton Vieira (fotógrafo)

Correspondentes/Colaboradores
Aracaju: Gilson Rolemberg (textos), Luís Carlos Moreira (fotos); **Belém:** Júlio Lynch (textos); José Maria Moreira (fotos); **Brasília:** Irlam Rocha (textos), José Freitas (fotos); **Campina Grande (PB):** Marciano Soares (textos), Nicolau de Castro (fotos); **Campo Grande (MT):** Hélio de Souza (textos), Almir Vilela (fotos); **Cuiabá:** Jê Fernandes (textos); **Campos:** Péris Ribeiro (textos); **Florianópolis:** Mário Medaglia (textos), Orestes Araújo (fotos); **Fortaleza:** Marcos Nunes (textos), Édson Pio (fotos); **Goiânia:** Jayro Rodrigues (textos), Walter Soares (fotos); **João Pessoa:** Martins Neto (textos), Arion Carneiro (fotos); **Londrina:** Isnard Cordeiro (textos), Nani Góis e José Pedro (fotos); **Macapá (Ap):** João Silva 9textos), Horácio Marinho (fotos); **Maceió:** Bernardino Souto (textos), Hélder Monteiro e José Feitosa (fotos); **Manaus:** Hernani Silva (textos), Cláudio S. Paulo (fotos); **Natal:** Rosaldo Aguiar (textos), Adérson França (fotos); **Porto Velho (RO):** Miguel Silva (textos); **Rio Branco:** José Chalub Leite (textos); **Salvador:** Fernando Escariz (textos); **São Luís:** Fernando de Souza (textos), Jairo Brasil (fotos); **Teresina:** Carlos Said (textos), Ademar Danilo (fotos); **Vitória:** Gilson Félix (textos), Joaquim Nunes (fotos); **Uberaba:** Luiz Gonzaga de Oliveira (textos); Lindomar Vicente (fotos)

Correspondentes Internacionais
Bonn: Silvio Rochenbach; **Genebra:** Claudius Ceccon; **Lima:** Augusto Montesinos; **Lisboa:** Sérgio de Oliveira; **Madri:** Eric Nepomuceno; **México:** Wladir Dupont; **Paris:** Pedro Cavalcanti; **Roma:** Marco Antônio de Rezende; **Telavive:** Alessando Porro

Serviços Editoriais
Documentação: Marília S. J. Franca (supervisora), Antônio A. Ferreira, Dilico Covizzi, Jany C. Raschkovsky, Júlio César Garcia, Lauro Augusto C.M. Coelho, Lilian Baroni, Lizete T. Menezes, Maria Aparecida S. Marzo, Maria Inês zanchetta, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Renato C. Tapajós, Rosânia P. Santos, Sheila Ribeiro, Solange Padilha, Suzana C. Kfouri, Vicente Roig.
Abril Press: Judith Baroni (**gerente-S.Paulo**) — Sucursais: — **Nova York:** — Odillo Licetti (gerente), 444 Madison Avenue Room 2201, New York, NY. 10022 — Telex: EDABRIL 423-063, Phone (212) 688-0531 — **Paris:** — Pedro de Souza — 214 Rue de la Convention, Phone 250-9277/França — **Milão:** Lydia Strafurini — Via Settembrini 45 — 20124 Milano — Phone 278-659 — Telex 34.070 — Itália
Laboratório Fotográfico: Jussi Lehto (gerente)

Departamento Comercial
Diretor de Publicidade: Sérgio Rosa
Gerente de Publicidade: José Filinto da Silva Neto
São Paulo, representantes: José Humberto A. Sobrinho e Walter Silva
Atendimento Central Masculino
Supervisor: Efraim C. Kapulski
Representante: Norberto Cagnacci
Assistente Comercial: Luiz Antonio Madio Sanchez
Gerente de produto: Sérgio Gentile
Coordenador de Produção: Carlos Alberto Trujilho
Belém, subgerente: José Mauricio Alves Fernandes
Belo Horizonte, gerente: Mariza Tavares Parreiras
Brasília, gerente: Luis Edgard P. Tostes
Curitiba, gerente: Aldo Schiochet
Florianópolis, subgerente: Geraldo Nilson de Azevedo
Porto Alegre, gerente: Kleber Vieira Buhr
Recife, gerente: Edmundo Moraes
Rio, gerente: Leopoldo Amorim
Representante: Manoel Telles de Souza
Salvador, gerente: Juracy Costa
Diretor de Publicidade e Escritórios Regionais: Sebastião Martins

Gerência Administrativa
Gerente: Alexandre Daunt Coelho

Diretor responsável: Edgard de Silvio Faria
Assessor: Sérgio Oliva

PLACAR é uma publicação da Editora Abril Ltda. / **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 800, tels.: 266-0011 e 266-0022, caixa postal 2372, telex (011) - 22094; São Paulo / Telex em Nova York: EDABRIL 423-063 / **Escritórios: Belém:** r. XV de Novembro, 226, sala 1313, Edifício Chamié, tel. 222-5507 / **Belo Horizonte:** r. Álvares Cebral, 908, tel. 337-0351, telex 031-1085, telegramas Abrilpress / **Brasília:** SCS-Projetada, 6, edifício Central, 12.º andar, salas 1201/8, tels.: 24-9150 e 24-7116, telegramas: Abrilpress / **Florianópolis:** r. Felipe Schmidt, 51, Galeria Jacqueline, n.º 4, sala 201 / tel.: 22-8630 / **Curitiba:** r. Marechal Floriano Peixoto, 228, Edifício Banrisul, 9.º andar, conjs. 901/2, depto. comercial: 22-9541, redação: 24-4070, telegramas: Abrilpress / **Porto Alegre:** r. Vieira de Castro, 285, tels., depto. comercial: 23-9617, 31-5348, redação: 23-9446 e 23-9502, telegramas: Abrilpress / **Recife**, r. Siqueira Campos, 45, Edifício Ligia Uchoa Medeiros, conjs. 204/5, tel.: 24-4957, telegramas: Abrilpress / **Rio de Janeiro:** r. do Passeio, 56, 6.º/11.º andares, tels.: 244-2022, 244-2057, 244-2017, 244-2152, caixa postal 2372, telex 021-22674 / **Salvador:** r. Itabuna n.º 304, Parque Cruz Aguiar, Bairro do Rio Vermelho, tel. 247-3999, telegramas: Abrilpress / **Distribuidor nos EUA:** M&Z Representatives, 122 Ferry Street, Newark, N.J. 07105, tel.: (201) 589-2794 / Preço por exemplar avulso: o constante na capa / Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém denuncie-o às autoridades locais / Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Abril de sua cidade. Em São Paulo: av. Tiradentes, 1391; r. São Domingos, 212; r. Antônio de Barros, 841; r. João Pereira, 197; r. Domingos de Morais, 1851; r. Barão de Campinas, 452; r. Oiapoque, 91; no ABC: Avenida Industrial, 117 (Santo André); no Rio de Janeiro: r. Sacadura Cabral, 141; pedidos pelo correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque somente as últimas seis edições / Todos direitos reservados / Impressa e distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo até ser contrárias à mesma. Registrada na D.C.D.P. do Departamento da Polícia Federal sob n.º 034 P 209/73

CORINTHIANS, MEU AMOR!

LOVE CORINTHIANS, NOT WAR!

SOY LOCO POR TI, CORINTHIANS!

KORinthians, ich liebe dich!

IO AMO SOLO A TE, CORINTHIANS!

CORINTHIANS, MON AMOUR!

CORINTHIANSを私はあいします

Я ТЕБЯ ЛЮБЛЮ, CORINTHIANS!

Em qualquer lugar, existe sempre um corintiano.

Peças de reposição para todos os veículos nacionais.